

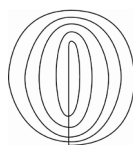
Versão PDF da entrada

## MUNDOS POSSÍVEIS

da EDIÇÃO DE 2013 do

### COMPÊNDIO EM LINHA DE PROBLEMAS DE FILOSOFIA ANALÍTICA

2012-2015 FCT Project PTDC/FIL-FIL/121209/2010



Editado por  
João Branquinho e Ricardo Santos

ISBN: 978-989-8553-22-5

Compêndio em Linha de Problemas de Filosofia Analítica  
Copyright © 2013 do editor  
Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa  
Alameda da Universidade, Campo Grande, 1600-214 Lisboa

Mundos Possíveis  
Copyright © 2013 do autor  
Bruno Jacinto

Todos os direitos reservados

**Resumo**

A semântica de mundos possíveis para a lógica modal possui grande utilidade teórica. Mas o discurso acerca de mundos possíveis é intrigante. Afinal, o que são mundos possíveis? Este ensaio oferece uma visão geral de duas das principais teorias acerca da natureza de mundos possíveis, nomeadamente, o Realismo Extremo de Lewis e o Realismo Moderado de Plantinga e Stalnaker. O ensaio também explora os méritos e deficiências destas teorias.

**Palavras-chave**

Mundos Possíveis, Modalidade, Possibilidade Metafísica, Semântica de Kripke, Realismo Extremo e Moderado

**Abstract**

Possible worlds' semantics for modal logic has proven to be theoretically useful. But talk of possible worlds is puzzling. After all, what are possible worlds? This essay provides an overview of two of the main theories on the nature of possible worlds, namely, Lewis's Extreme Realism and Plantinga and Stalnaker's Moderate Realism. The essay also explores the merits and shortcomings of both theories.

**Keywords**

Possible worlds, Modality, Metaphysical Possibility, Kripke Semantics, Extreme and Moderate Realism

# Mundos Possíveis

## 1 Introdução

*Necessidade, possibilidade e contingência* são conceitos *modais*, i.e., conceitos acerca do *modo* de verdade de proposições. Há, argumentavelmente, diferentes tipos de necessidade, sendo a necessidade *metafísica*, a necessidade *física* e a necessidade *moral* casos de diferentes tipos de necessidade. Considerem-se alguns exemplos. É costume tomar-se as leis da física como sendo fisicamente necessárias. Contudo, argumentavelmente, a existência de um elemento com número atómico 116 é fisicamente contingente, e a existência de um elemento com número atómico 200 é fisicamente possível. O idioma de mundos possíveis é considerado útil para a elucidação das noções de necessidade e possibilidade. No centro desta elucidação encontra-se o seguinte princípio:

**Elo P-W** É  $(X)$ -possível que  $\varphi$  se e somente se existe um mundo  $(X)$ -possível  $w$  tal que, em  $w$ ,  $\varphi$ .<sup>1</sup>

Em geral, o conjunto dos mundos  $X$ -possíveis é um subconjunto do conjunto de todos os mundos possíveis. Por exemplo, é *fisicamente* possível que  $\varphi$  se e somente se existe um mundo fisicamente possível  $w$  tal que, em  $w$ ,  $\varphi$ , e é *moralmente* possível que  $\varphi$  se e somente se existe um mundo moralmente possível  $w$  tal que, em  $w$ ,  $\varphi$ . A possibilidade metafísica consiste no tipo de possibilidade mais amplo, no sentido em que uma frase é metafisicamente possível se e somente se a frase é verdadeira em algum mundo possível.<sup>2</sup> Tipicamente, um

<sup>1</sup> No caso das noções de *necessidade* e *contingência* os princípios correspondentes são:

**Elo N-W** É  $(X)$ -necessário que  $\varphi$  se e somente se todo o mundo  $X$ -possível  $w$  é tal que, em  $w$ ,  $\varphi$ .

**Elo C-W** É  $(X)$ -contingente que  $\varphi$  se e somente se, em  $w_{@}$ ,  $\varphi$ , e não é o caso que todo o mundo  $X$ -possível  $w$  é tal que, em  $w$ ,  $\varphi$  (onde  $w_{@}$  denota o mundo actual).

<sup>2</sup> Mais precisamente, utilizando uma distinção apresentada por Rayo (2013: secção 2.2), a possibilidade metafísica é entendida como o tipo de possibilidade *de mundo* – i.e., possibilidade “sensível a formas como o mundo poderia ter

mundo é tomado como sendo *fisicamente* possível se e somente se é um mundo em que as leis da física obtém. Argumentavelmente, um mundo é *moralmente* possível se e somente se é um mundo no qual todos os agentes são idealmente racionais. Como exemplo de uma aplicação do elo P-W, deste princípio segue-se a equivalência das duas seguintes afirmações:

- (1) a. É metafisicamente possível que alguma cadeira esteja partida.
- b. Existe um mundo possível  $w$  tal que, em  $w$ , alguma cadeira está partida.

Há pelo menos duas maneiras como o elo P-W ajuda na elucidação do discurso acerca de necessidade e possibilidade. Por um lado, o elo P-W facilita a compreensão das relações que obtém entre possibilidades, fornecendo assim os recursos para uma melhor compreensão da lógica da necessidade e possibilidade. Por outro lado, o elo P-W é algumas vezes útil na determinação da plausibilidade de algumas afirmações de possibilidade.<sup>3</sup> No que concerne a lógica da necessidade e possibilidade, o elo P-W fornece i) os meios para compreender a interação entre os diferentes tipos de possibilidade, e ii) os meios para dar conta da lógica destes diferentes tipos de possibilidade. Por exemplo, em relação ao primeiro ponto, se algo é fisicamente ou moralmente possível (e, em geral,  $X$ -possível), então é metafisicamente possível, uma vez que ser um mundo possível é ser um mundo metafisicamente possível. E, em relação ao segundo ponto, note-se que, em geral, da existência de um mundo possível  $w$  tal que, em  $w$ , alguma cadeira está partida e todo o copo se encontra vazio, segue-se que há mundos possíveis  $w$  e  $w'$  tais que, em  $w$ , alguma cadeira está partida e, em  $w'$ , todo o copo se encontra vazio. Em geral, da existência de um mundo possível  $w$  tal que, em  $w$ ,  $\varphi \wedge \psi$ , segue-se a existência de mundos possíveis  $w$  e  $w'$  tais que, em  $w$ ,  $\varphi$ , e, em  $w'$ ,  $\psi$ . Dado o elo P-W, isto significa que  $\Diamond(\varphi \wedge \psi) \vdash \Diamond\varphi \wedge \Diamond\psi$ . O elo P-W encontra-se efectivamente por detrás da interpretação stan-

---

sido” Rayo (2013: 49) – mais amplo, por oposição a possibilidade de *repraesentatione*, um tipo de possibilidade sensível a como as maneiras como um mundo poderia ter sido são elas mesmas representadas.

<sup>3</sup> Veja-se Stalnaker (2012: secção 2).

dard da teoria dos modelos para a lógica modal dada em termos de estruturas de Kripke, e assim desempenha um papel chave na nossa compreensão da lógica da modalidade, permitindo a formulação da teoria dos modelos para a lógica modal em termos da linguagem extensional da teoria dos conjuntos.<sup>4</sup> Estruturas de Kripke têm sido aplicadas em áreas tais como a semântica, a pragmática, e a teoria dos jogos, trazendo consigo discurso acerca de mundos possíveis. Quanto à segunda razão pela qual o elo P-W ajuda na elucidação de discurso acerca de necessidade e possibilidade, ao procurar descrever-se com maior detalhe um mundo possível que testemunhe uma afirmação de possibilidade, é possível que se venha a descobrir que a descrição é absurda, caso em que a afirmação de possibilidade é falsa, contrariamente ao que talvez se acreditasse previamente à tentativa de descrição de um mundo possível que testemunhe a afirmação de possibilidade.

Mas, deveria acreditar-se na existência de mundos possíveis? E, se sim, que tipo de coisas são mundos possíveis? Neste artigo somente a segunda questão será abordada. O *Realismo* acerca de mundos possíveis será pressuposto, consistindo este na tese da existência de diversos mundos possíveis, encontrando-se o mundo actual entre estes. Quanto à questão que tipo de coisas são mundos possíveis, será assumido que qualquer teoria que responda a esta questão deverá ter como consequência que toda a instância do elo P-W é verdadeira. Assim, perguntar que tipo de coisas são mundos possíveis pode ser entendido como perguntar que tipo de coisas realizam um certo papel teórico, parcialmente determinado pelo elo P-W.

Diferentes posições acerca da natureza de mundos possíveis são distinguíveis, dependendo se de acordo com estas mundos possíveis são actuais ou não actuais (com excepção do mundo actual), e abstractos ou concretos.<sup>5</sup> Duas das posições mais populares acerca da

<sup>4</sup> A semântica de mundos possíveis para a lógica modal é primeiro proposta por Kripke 1959, 1963.

<sup>5</sup> Neste contexto, termos que melhor captariam a distinção em causa seriam, em vez de ‘concreto’ e ‘abstracto’, ‘individualismo’ (ou ‘primeiro-ordem-ismo’) e ‘ordem-superior-ismo’, sendo proposições, propriedades e relações exemplos de entidades abstractas, enquanto que coisas como Cristiano Ronaldo, o número dois e o conjunto de todos os jogadores de futebol são todas elas exemplos de entidades concretas. Em particular, a distinção em questão não corresponde a nenhu-

natureza de mundos possíveis ocupam dois extremos. De acordo com o Realismo Extremo, mundos possíveis são entidades concretas não-actuais, com excepção do mundo actual, enquanto que o Realismo Moderado defende que mundos possíveis são entidades abstractas, sendo todos eles actuais. O foco deste artigo são os Realismos Extremo e Moderado, mais precisamente a versão Lewisiana do Realismo Extremo, e as versões Plantinganianas e Stalnakerianas do Realismo Moderado.<sup>6</sup>

## 2 O Realismo Extremo de Lewis

De acordo com o Realismo Extremo de Lewis o nosso universo não é o único. Há vários universos como o nosso, e tal como nós somos partes deste universo os outros universos têm eles próprios partes. Lewis defende que mundos possíveis são universos totais. Isto é, mais precisamente, Lewis defende a seguinte tese acerca da natureza de mundos possíveis:

**Mundos Concretos** Ser um mundo possível  $w$  é ser um indivíduo concreto<sup>7</sup>  $w$  tal que se alguma parte  $y$  de  $w$  tem uma relação

---

ma das seguintes distinções: conjuntos vs. não-conjuntos, espaço-temporalmente localizado vs. não espaço-temporalmente localizado, critérios de identidade bem definidos vs. critérios de identidade não bem definidos.

<sup>6</sup> Uma posição importante acerca da natureza de mundos possíveis que não será abordada neste artigo é o *Combinatorialismo*. De acordo com a tese característica desta posição, ser um mundo possível é nada mais do que ser um género de rearranjo ou recombinação. Teóricos combinatorialistas divergem em relação ao que consideram ser a natureza das recombinações, em particular se recombinações são entidades abstractas ou concretas. Uma das teorias combinatorialistas da modalidade mais desenvolvidas é a de Armstrong 1986, 1989. Armstrong defende que factos são aquilo que fundamentalmente existe, e que indivíduos e relações são abstraídos destes. Indivíduos e propriedades podem ser recombinados de modo a formar entidades com algumas similaridades com factos, excepto que algumas destas entidades não obtêm (contrariamente a factos, uma vez que todos os factos obtêm). De acordo com Armstrong, estados de coisas são estas entidades similares a factos. Cada mundo possível consiste numa conjunção de estados de coisas, e o mundo actual consiste numa conjunção de todos os factos.

<sup>7</sup> Muito embora Lewis não seja totalmente claro acerca do que significa dizer que mundos possíveis são concretos ou abstractos. Ainda assim, as teses de

espaço-temporal com algum objecto  $x$ , então  $x$  é parte de  $w$ , e quaisquer duas partes de  $w$  estão espaço-temporalmente relacionadas (Veja-se Lewis (1986: 70-72)).

Assumindo que *estar espaço-temporalmente relacionado com* é uma relação euclideana, uma primeira consequência da concepção de mundos possíveis de Lewis é que mundos possíveis não se sobrepõem.<sup>8</sup> Para que se compreenda que assim é, assumamos, para redução ao absurdo, que existem dois mundos possíveis distintos mas sobrepostos  $w_1$  e  $w_2$ . Uma vez que os mundos são distintos, há partes  $x_1$  de  $w_1$  e  $x_2$  de  $w_2$  tais que  $x_1$  e  $x_2$  não estão espaço-temporalmente relacionadas. Assumamos que  $r$  é uma parte comum de  $w_1$  e  $w_2$ . Dado que  $w_1$  e  $w_2$  são mundos Lewisianos,  $r$  está espaço-temporalmente relacionada com  $x_1$  e  $x_2$ . Dada a suposição de que estar espaço-temporalmente relacionado com é uma relação euclideana, segue-se que  $x_1$  e  $x_2$  estão espaço-temporalmente relacionados. Mas isto é uma contradição. Logo, não é o caso que há dois mundos distintos mas sobrepostos, contrariamente à suposição.

Entre as teses contidas no Realismo Extremo de Lewis encontramos um princípio de recombinação, que procura captar de modo não trivial a tese que para toda a maneira como um mundo poderia ter sido existe um mundo que é dessa maneira. O princípio é o seguinte:

### Princípio da Recombinação

1. Para todo o conjunto de objectos, existe um mundo que contém um qualquer número de duplicados de objectos no conjunto, em qualquer arranjo espaço-temporal, desde que o tamanho e a forma do mundo o permitam;
2. Para todo o mundo  $w$  e conjunto  $X$  de partes de  $w$ , existe um

---

Lewis acerca de mundos possíveis implicam que mundos possíveis são concretos em todas as maneiras como ele precisifica a noção de concretude. Veja-se Lewis (1986: 81-82).

<sup>8</sup> Veja-se Lewis (1986: 208-209), Menzel (2013: nota 6). Note-se que a noção de sobreposição em questão é de natureza mereológica: dois objectos sobrepõem-se se e somente se possuem uma parte em comum. Uma relação é Euclideana se e somente se, para todo o  $x, y$  e  $z$ , se a relação obtém entre  $x$  e  $y$  e entre  $x$  e  $z$ , então a relação obtém entre  $y$  e  $z$ .

mundo  $w'$  tal que  $w'$  é composto de duplicados de todo o elemento de  $X$  e para qualquer  $x$  tal que  $x$  é parte de  $w$ , se existe um duplicado de  $x$  que é parte de  $w'$ , então  $x$  é parte de algum elemento de  $X$ .<sup>9</sup>

Para uma ilustração de como o Princípio da Recombinação funciona, considere-se a Torre Eiffel e um qualquer meramente possível marco arquitectónico  $y$ . De acordo com a primeira tese do princípio da recombinação, existe um mundo possível com duplicados da Torre Eiffel e de  $y$ . De acordo com a segunda tese, existe um mundo possível com a metade inferior, mas não a metade superior, da Torre Eiffel, e existe um mundo possível com a metade superior, mas não a metade inferior, da Torre Eiffel.<sup>10</sup>

Um aspecto diferente do Realismo Extremo de Lewis concerne a noção de actualidade. De acordo com Lewis, existem mundos possíveis e partes de mundos possíveis que não existem actualmente. Lewis defende uma teoria indexical de actualidade. De acordo com esta teoria, 'actual' comporta-se semanticamente do mesmo modo que expressões como 'aqui' e 'agora'. Estas são expressões indexicais cuja extensão é determinada pelo contexto de elocução. Lewis considera que a extensão de 'actual' é, relativamente a um contexto de elocução, a mesma que a extensão de 'deste mundo', nomeadamente, uma propriedade que obtém de um objecto  $x$  se e somente se  $x$  é parte do mundo em que a elocução de 'actual' ocorre.<sup>11</sup> Assim, o mundo actual é aquela fusão máxima de objectos espaço-temporalmente relacionados da qual eu sou uma parte. Contudo, seria tão correcto que habitantes de outros mundos chamassem 'actual' aos seus mundos como é correcto eu chamar 'actual' ao meu mundo, embora não fos-

<sup>9</sup> Lewis considera que  $x$  e  $y$  são duplicados se e somente se toda a propriedade perfeitamente natural tida por  $x$  é também tida por  $y$ , e vice-versa.

<sup>10</sup> Para mais acerca do princípio da recombinação, veja-se Lewis (1986: 87-90), assim como Efid e Stoneham 2008 e Nolan 1996.

<sup>11</sup> Veja-se Lewis 1970, Lewis (1986: 92-96). Note-se que Lewis admite que 'actual' possa ser utilizado com um sentido mais alargado em alguns contextos, sendo aplicável também a coisas que não são parte do mundo em que a elocução de 'actual' ocorre. Por exemplo, Lewis considera que conjuntos cujos membros são partes do mundo em que a elocução de 'actual' ocorreu são eles mesmos actuais, quando 'actual' é utilizado num sentido mais amplo.



se correcto eu chamar ‘actual’ aos seus mundos, e não seria correcto eles chamarem ‘actual’ ao meu mundo (tal como é correcto que tanto o João e a Maria afirmem ‘eu estou aqui agora’, embora não fosse correcto o João afirmar que se encontra no mesmo local e tempo no qual a Maria se encontrava quando ela asseverou ‘eu estou aqui agora’, e não fosse correcto a Maria afirmar que ela estava no mesmo local e tempo no qual o João se encontrava quando ele asseverou ‘eu estou aqui agora’).

### *2.1 O paraíso de um metafísico: dois argumentos a favor do Realismo Extremo*

Dois dos principais argumentos oferecidos por Lewis em defesa do Realismo Extremo são o argumento da familiaridade e o argumento da utilidade teórica. O argumento da familiaridade é o seguinte (Lewis 1973: 84):

Eu acredito, e tu também, que as coisas poderiam ter sido diferentes de inúmeras maneiras. (...) A linguagem comum permite a paráfrase: há várias maneiras como as coisas poderiam ter sido para além da maneira como elas actualmente são. Aparentemente, esta frase é uma quantificação existencial. Ela diz que existem várias entidades de uma certa descrição, a saber, “maneiras como as coisas poderiam ter sido”. Eu acredito que as coisas poderiam ter sido diferentes de inúmeras maneiras; eu acredito em paráfrases permissíveis daquilo em que eu acredito; tomando a paráfrase à letra, eu acredito portanto na existência de entidades que podem ser chamadas de “maneiras como as coisas poderiam ter sido”. Eu prefiro chamar-lhes ‘mundos possíveis’.

Como mencionado por Stalnaker no contexto de uma discussão do argumento de Lewis, a força retórica do argumento reside em que este torna plausível a posição de acordo com a qual “aquilo que parece ser uma teoria metafísica pesada trata-se na realidade de nada mais do que crenças comuns às quais é dado outro nome” (Stalnaker 1976: 66). Lewis reconhece que algumas vezes evitamos, de maneira justificada, tomar as frases da linguagem comum à letra. Todavia, Lewis defende a posição segundo a qual existe uma presunção a favor de tomá-las à letra. Podemos justificadamente evitar fazê-lo quando fazê-lo leva a dificuldades e estas dificuldades podem ser evitadas se as frases da linguagem comum forem tomadas de maneira diferente. Em tal caso, a presunção é derrotada. Mas uma vez que, de acordo

com Lewis, nenhum argumento mostrou de forma bem sucedida que o Realismo Extremo leva a dificuldades (e além disso ele considera que todas as outras alternativas levam a problemas), o resultado é que não deveríamos suspeitar da nossa “crença comum” na existência de mundos possíveis concretos.

O argumento da utilidade teórica começa com uma analogia com o caso da teoria dos conjuntos. Discurso acerca de conjuntos fornece os meios para reduzir todo o vocabulário matemático à linguagem da lógica de primeira ordem que tem identidade e pertença como os seus únicos primitivos extra. Do mesmo modo, Lewis mostra como os idiomas modal, acerca de conteúdo mental, acerca de valores semânticos e acerca de propriedades podem todos eles ser substituídos pelo idioma de mundos possíveis concretos (em conjunção com o idioma de conjuntos e de indivíduos concretos actuais e meramente possíveis). Além do mais, os axiomas da teoria de conjuntos têm como consequências todos os teoremas da matemática. Do mesmo modo, Lewis argumenta que o seu Realismo Extremo tem como consequências várias verdades nos idiomas de conteúdo mental, propriedades, valores semânticos, etc. A hipótese da existência de uma hierarquia de conjuntos é assim teoricamente útil, de tal modo que os matemáticos foram levados a aceitar a hipótese da existência de “um monte de entidades desconhecidas pelo *homo javanensis*” (Lewis 1986: 4). Do mesmo modo, Lewis defende que a hipótese da existência de uma pluralidade de mundos concretos deve ser aceite na base da sua utilidade teórica.

## 2.2 A redução do idioma modal

Como previamente mencionado, Lewis mostra como o Realismo Extremo oferece os recursos para reduzir o idioma modal, de propriedades, etc. ao idioma de mundos possíveis. No que se segue a proposta de Lewis de redução do idioma modal ao idioma dos mundos possíveis será apresentada. De acordo com Lewis o elo P-W consiste numa análise da noção de possibilidade.<sup>12</sup> Lewis advoga que a expressão ‘em  $w$ ’, no contexto ‘em  $w$ ,  $\varphi$ ’, funciona como um modifi-

<sup>12</sup> Do mesmo modo, os elos N-W e C-W oferecem análises, respectivamente, de necessidade e contingência (veja-se a nota de rodapé 1).

cador restritivo, restringindo o âmbito dos quantificadores presentes em  $\varphi$  a coisas que são partes de  $w$ . Assim, ‘em  $w$ ’ funciona de modo similar a ‘na Austrália’ quando esta expressão ocorre em frases tais como ‘na Austrália, todo o filósofo é um metafísico’. Uma questão interessante concerne o que acontece quando não há quantificadores em  $\varphi$ . Isto é, como é modalidade *de re* analisada, onde uma afirmação *de re* consiste, de forma aproximada, na atribuição de uma propriedade modal a um indivíduo? Considere-se a seguinte afirmação:

- (2) É possível que Ryan Giggs ganhe o Ballon D’Or.

A afirmação (2) é analisada como

- (3) Existe um mundo possível  $w$  tal que, em  $w$ , Ryan Giggs ganha o Ballon D’Or.

Assuma-se que não é o caso que Ryan Giggs ganha o Ballon D’Or no mundo actual. Ainda assim, (2) parece ser uma afirmação verdadeira de possibilidade. Por conseguinte, tem que haver algum mundo possível  $w$  diferente do mundo actual tal que, em  $w$ , Ryan Giggs ganha o Ballon D’Or, caso contrário (3) não oferece uma análise de (2). Ryan Giggs não existe em  $w$ , dado que, como previamente mencionado, Lewis defende que mundos possíveis não se sobrepõem, e Ryan Giggs é um habitante do mundo actual.<sup>13</sup> A questão é então como pode ser verdade que, em  $w$ , Ryan Giggs ganha o Ballon D’Or, uma vez que Ryan Giggs não existe em  $w$ . Como Lewis observa, Giggs deve satisfazer, em  $w$ , ‘ganha o Ballon D’Or em 2013’ *in absentia*.

Lewis considera que satisfação *in absentia* é satisfação *vicária*, defendendo a posição de acordo com a qual tal como “outros mundos são possibilidades alternativas a um mundo inteiro, assim as partes de outros mundos são possibilidades alternativas a indivíduos menores” Lewis (1986: 8). A ideia é que alguns indivíduos noutros mundos servem como possibilidades alternativas a cada um de nós. Como Lewis diria, outros mundos “representam” alternativas ao mundo actual, e habitantes de outros mundos representam alternativas aos habitantes do mundo actual. Uma possibilidade alternativa a um indivíduo  $x$  é

<sup>13</sup> Uma outra razão pela qual Lewis defende a posição segundo a qual mundos possíveis não se sobrepõem tem que ver com o problema dos intrínsecos acidentais. Veja-se Lewis (1986: 199-202).

uma *contraparte* de  $x$ . Um indivíduo  $y$  é uma contraparte de um indivíduo  $x$  somente no caso de  $y$  assemelhar-se em aspectos relevantes e em grau suficiente a  $x$  e de não existir outro indivíduo que é parte do mundo possível do qual  $y$  é uma parte e que se assemelha a  $x$  mais do que  $y$ . Em relação a que grau conta como suficiente e que aspectos contam como relevantes, Lewis considera que isto é algo relativo e indeterminado, sujeito a variação contextual. Os elementos estão agora reunidos para que se possa dar conta daquilo que é necessário para que Ryan Giggs satisfaça vicariamente, num mundo  $w$ , ‘ganha o Ballon D’Or’. Isto é o caso se e somente se há uma contraparte de Ryan Giggs que é uma parte de  $w$  e ganha o Ballon D’Or.<sup>14</sup> Em geral, uma fórmula atômica na linguagem de primeira-ordem modal da forma  $P\alpha$ , onde  $\alpha$  é uma constante individual e  $P$  é um predicado unário na linguagem, é satisfeita num mundo possível  $w$  se e somente se há uma contraparte de  $\alpha$  em  $w$  que tem a propriedade  $P$  em  $w$ .<sup>15</sup> Uma vez que nada é tão similar a Ryan Giggs como Ryan Giggs no mundo actual, para que Ryan Giggs satisfaça ‘ganha o Ballon D’Or’ no mundo actual é somente necessário que Ryan Giggs ganhe o Ballon D’Or.

### 2.3 *É realmente um paraíso? O argumento da familiaridade*

Stalnaker 1976 e van Inwagen 1986 objectam ao argumento da familiaridade observando que da inocente equação de mundos possíveis com maneiras como as coisas poderiam ter sido não se segue que mundos possíveis são somas mereológicas de objectos espaço-temporalmente relacionados. Tal suposição consiste numa confusão entre objectos e as maneiras como esses objectos são. Ser uma maneira como um objecto é, é ser uma propriedade ou estado do objecto, não o objecto ele mesmo. Isto é, da equação de mundos possíveis com maneiras como as coisas poderiam ter sido segue-se que mundos

<sup>14</sup> Lewis 1968 oferece uma concepção diferente de como os operadores modais funcionam. Em Lewis (1986: 10) ele nota que as duas concepções dão origem aos mesmos resultados.

<sup>15</sup> De modo mais geral, uma fórmula atômica da forma  $R\vec{\alpha}$ , onde  $\vec{\alpha}$  é uma sequência de constantes individuais  $\alpha_1, \dots, \alpha_n$  e  $R$  é uma relação  $n$ -ária, é satisfeita num mundo possível  $w$  se e somente se há uma sequência  $n$ -ária de contrapartes de  $\vec{\alpha}$  tal que os elementos da sequência estão na relação  $R$ . Veja-se Lewis (1983: 44).

possíveis são propriedades ou estados de coisas, não que mundos possíveis são eles mesmos coisas. Logo, o argumento da familiaridade de Lewis não estabelece de forma bem sucedida a conclusão que mundos possíveis são somas máximas de objectos espaço-temporalmente relacionados.

Lewis aborda brevemente esta objecção em Lewis (1986: 87, nota 57). Ele argumenta que, dada a sua concepção nominalista de propriedades enquanto conjuntos de indivíduos (actuais e também meramente possíveis), a objecção de Stalnaker e van Inwagen estabelece que mundos possíveis devem ser equacionados com conjuntos unitários de somas máximas de objectos espaço-temporalmente relacionados, ao invés de serem equacionados com somas máximas de objectos espaço-temporalmente relacionados. Mas Lewis vê esta qualificação como sendo “da maior desimportância, a par com a escolha arbitrária entre falar de um conjunto ou da sua função característica”.

A rejeição da objecção de Stalnaker e van Inwagen por parte de Lewis é, argumentavelmente, demasiado apressada. O argumento da familiaridade realiza um trabalho formidável enquanto defesa do realismo acerca de mundos possíveis. Mas o que está em causa é se o argumento é bem sucedido enquanto defesa do Realismo Extremo, a teoria que está comprometida não só com a existência de mundos possíveis mas também com a tese segundo a qual estes são somas máximas de objectos espaço-temporalmente relacionados. Uma das principais razões porque o Realismo Extremo é tido como dubitável concerne o facto que a tese de que existe uma pluralidade de somas máximas de objectos espaço-temporalmente relacionados – com, por exemplo, a consequência que há coisas como burros falantes –, é tida por diversos filósofos como simplesmente implausível. Se o argumento da familiaridade fosse bem sucedido, então Lewis teria uma boa defesa da tese que a crença de que existe uma pluralidade de somas máximas de objectos espaço-temporalmente relacionados é, apesar das aparências, uma crença comum, partilhada tanto por filósofos como por não filósofos. Isto é, Lewis teria mostrado que não existe boa razão para encarar a tese do Realismo Extremo com um olhar incrédulo. O que a resposta de Stalnaker e van Inwagen mostra é que o argumento da familiaridade não estabelece que mundos possíveis são somas máximas de objectos espaço-temporalmente relacionados, nem que estes são conjuntos unitários de somas máxi-

mas de objectos espaço-temporalmente relacionados, uma vez que tal conclusão depende de um argumento independente para a tese que maneiras como as coisas poderiam ter sido são identificáveis com conjuntos unitários de somas máximas de objectos espaço-temporalmente relacionados. Logo, o argumento da familiaridade não estabelece a verdade do Realismo Extremo. O olhar incrédulo ainda precisa ser levado a sério por Lewis.

Dito isto, Lewis acredita que tem um argumento independente para a equação de maneiras como as coisas poderiam ter sido com conjuntos de somas máximas de objectos espaço-temporalmente relacionados, nomeadamente, o argumento da utilidade teórica. Se o argumento for bem sucedido, então segue-se que propriedades e estados não são nada mais do que certos conjuntos de indivíduos. Em particular, maneiras como as coisas poderiam ter sido não são nada mais do que conjuntos unitários de somas máximas de objectos espaço-temporalmente relacionados. Propriedades e estados são primitivos desnecessários na formulação da nossa teoria total. Interessa assim averiguar se o argumento da utilidade teórica é bem sucedido.

#### *2.4 É realmente um paraíso? O argumento da utilidade teórica*

Como previamente discutido, o argumento da utilidade teórica pretende estabelecer que o Realismo Extremo de Lewis é uma teoria com um enorme poder explicativo, de tal modo que o preço decorrente de ter uma ontologia extravagante é um preço que vale a pena pagar. Existem três tipos de objecções ao argumento da utilidade teórica. Estas objecções procuram estabelecer que a) o Realismo Extremo de Lewis é incoerente, e como tal não pode servir como base para a redução de algumas noções a outras, ou que, ainda que a teoria seja coerente, b) a teoria não fornece a redução apropriada de algumas das noções em causa, ou que ainda que o Realismo Extremo seja uma teoria coerente, e que as reduções pareçam funcionar, c) isto não é suficiente para mostrar que o preço de aceitar uma pluralidade de mundos concretos é um preço que vale a pena pagar. Concentrar-me-ei aqui somente nas objecções relacionadas com a

tese que o Realismo Extremo não fornece uma redução apropriada de noções relevantes, em particular do discurso modal.<sup>16</sup>

#### 2.4.1 A possibilidade de universos-ilha, e de nada

Uma razão para aceitar a posição segundo a qual o Realismo Extremo não fornece uma redução apropriada de modalidade tem que ver com a possibilidade de universos-ilha. Isto é, é plausível que poderiam ter existido espaços-tempo separados entre si. Contudo, se assim é, a análise reductiva de modalidade de Lewis está errada, uma vez que não é o caso que haja um mundo possível –, i.e., uma soma máxima de objectos espaço-temporalmente relacionados – que tenha espaços-tempo separados entre si. Do mesmo modo, parece plausível assumir que poderia não ter existido coisa alguma. Uma vez mais, o Realismo Extremo de Lewis exclui esta possibilidade, dado que mundos possíveis são somas mereológicas, e assim são compostos por pelo menos um objecto.

Lewis reconhece que as hipóteses de que poderia não ter existido coisa alguma e que poderiam ter existido espaços-tempo separados entre si são incompatíveis com o seu Realismo Extremo. Contudo, ele advoga que estas hipóteses não constituem uma “parte central do nosso pensamento modal” (Lewis 1986: 71-72). Por conseguinte, Lewis rejeita a verdade destas hipóteses a favor da sua teoria de mundos possíveis. Lewis mostra também que teses similares a estas hipóteses são compatíveis com o Realismo Extremo. Por exemplo, muito embora a tese segundo a qual é possível que não exista coisa alguma seja excluída pelo Realismo Extremo, a hipótese que poderia ter existido espaço-tempo vazio é compatível com o Realismo Extremo. Do mesmo modo, a hipótese segundo a qual poderiam ter existido universos com muito pouca ou nenhuma causação entre eles é compatível com o Realismo Extremo. Assim, Lewis conclui que muito embora as hipóteses que poderia não ter existido coisa alguma

<sup>16</sup> Lewis discute duas objecções que pretendem estabelecer que o Realismo Extremo é incoerente em Lewis (1986: secções 2.2 e 2.3), fornecendo o que parecem ser respostas satisfatórias a ambas as objecções. Aquilo a que Lewis chama de “olhar incrédulo” consiste numa das objecções ao Realismo Extremo de Lewis, segundo a qual não vale a pena pagar o preço de uma ontologia extravagante. Veja-se Lewis (1986: secção 2.8).

e que poderiam ter existido espaços-tempo separados sejam incompatíveis com o Realismo Extremo, teses muito próximas as estas são compatíveis com a teoria.

#### 2.4.2 Acusação de circularidade

Shalkowski 1994 argumenta que a teoria de Lewis não oferece uma redução apropriada de modalidade, dado que o princípio da recombinação de Lewis é demasiado fraco, não se seguindo deste a verdade da seguinte tese (como o próprio Lewis reconhece, veja-se Lewis (1986: 92)):

**Plenitude** Para qualquer maneira como as coisas poderiam ter sido existe uma soma máxima de objectos espaço-temporalmente relacionados, e vice-versa.

De acordo com o argumento de Shalkowski, a única maneira do Realismo Extremo de Lewis implicar a tese da Plenitude consiste em acrescentar a tese à teoria. Mas isto torna a teoria de Lewis circular – ou, talvez de forma mais precisa – torna-a numa teoria não reducionista – uma vez que Lewis teria que apelar a noções modais de modo a fornecer uma melhor caracterização do espaço de possibilidades.

Sider 2003 oferece a seguinte resposta ao argumento de Shalkowski's. Ele pede-nos que assumamos que é deveras o caso que para toda a maneira como as coisas poderiam ter sido existe uma soma máxima de objectos espaço-temporalmente relacionados, e vice-versa. Em tal caso, afirmações modais são verdadeiras se e somente se as afirmações correspondentes acerca de mundos possíveis são verdadeiras. Para além disso, o analisans não contém expressões modais. Logo, a análise de modalidade de Lewis não é circular, assumindo que é de facto o caso que para toda a maneira como as coisas poderiam ter sido há uma soma máxima de objectos espaço-temporalmente relacionados, e vice-versa. A resposta de Sider é aparentemente apropriada. Contudo, na secção quatro apresentarei uma objecção ao Realismo Extremo muito próxima da objecção de Shalkowski e que é, na minha opinião, imune à resposta de Sider.



### 2.4.3 A objecção Humphrey

Kripke argumenta que a análise de modalidade *de re* proposta por Lewis é incorrecta. Ele pede-nos que consideremos o estado de Humphrey, um candidato à presidência dos Estados Unidos que perdeu a eleição para Richard Nixon em 1972, afirmando que:

Assim se dissermos ‘Humphrey poderia ter ganho a eleição (se ele tivesse feito tal e tal), não estaremos a falar acerca de algo que poderia ter acontecido a Humphrey mas a outra pessoa, uma “contraparte”.’ Provavelmente, contudo, Humphrey estaria-se nas tintas se outra pessoa, independentemente da sua semelhança com ele, tivesse sido vitoriosa num outro mundo possível. Assim, a posição de Lewis parece-me ainda mais bizarra que as habituais noções de identificação transmundial que vem substituir (Kripke 1980: 45. nota 13).

Sider 2006 propõe a seguinte interpretação da objecção de Kripke: uma vez que Humphrey tem diferentes atitudes para com a proposição que Humphrey poderia ter ganho a eleição e a proposição que há uma contraparte de Humphrey que ganha a eleição num outro mundo possível concreto, não é o caso que estas sejam uma e a mesma proposição. Logo, a análise de modalidade de Lewis não funciona.

Em defesa de Lewis, Sider responde que não se segue que as proposições sejam diferentes, uma vez que diferentes atitudes proposicionais podem ser tomadas em relação a uma e a mesma proposição sob diferentes descrições da proposição. Utilizando um exemplo de Kripke 1979, Pierre crê e descrê que Londres é bonita sob as descrições, respectivamente, ‘Londres est jolie’ e ‘London is pretty’. Mas isto não significa que Pierre crê numa proposição e descrê uma proposição diferente.

A resposta de Sider parece-me estar no caminho certo, muito embora se deva proceder de forma mais cautelosa. Casos como os de Pierre são bastante complicados. Talvez tais casos apenas mostrem que Pierre tem diferentes crenças em relação à mesma proposição sob diferentes descrições da proposição. Ou talvez estes casos mostrem que atribuições de crença não reflectem as crenças elas mesmas, e é de facto o caso que Pierre crê numa proposição e descrê uma outra, muito embora ‘Londres est Jolie’ e ‘London is pretty’ tenham como valores semânticos a mesma proposição (caso em que Pierre pode inclusivamente não crer na proposição que Londres é bonita e não descrer a proposição que Londres é bonita). Talvez proposições

não sejam aquilo em que se acredita, mas ao invés entidades como sentidos Fregeanos, caso em que é plausível assumir que Pierre crê em diferentes sentidos Fregeanos que determinam a mesma proposição. Em todo o caso, aquele que eu considero ser o ponto principal na resposta de Sider é a observação que análises muitas vezes geram puzzles de Frege. Logo, o facto que Kripke encontrou na análise de modalidade *de re* de Lewis um puzzle de Frege não é surpreendente. No entanto, tal facto não oferece mais razões para rejeitar a análise de modalidade *de re* oferecida por Lewis do que qualquer outra proposta de análise. Logo, a objecção Humphrey não é bem sucedida. A observação de Sider parece correcta.

#### 2.4.4 A necessidade da existência

Considere-se a afirmação

- (4) Tudo existe necessariamente.

A análise de Lewis de modalidade *de re* implica que (4) é equivalente a

- (5) Para todo o objecto  $x$  no mundo actual, para todo o mundo possível  $w$ , toda a contraparte  $y$  de  $x$  em  $w$  está em  $w$ .

Uma vez que (5) é trivialmente verdadeira, a análise de modalidade *de re* proposta por Lewis leva ao resultado que (4) é verdadeira. Mas (4) é intuitivamente falsa. Logo, a análise de modalidade *de re* de Lewis é incorrecta.

Lewis identifica vários diagnósticos possíveis. Por um lado, talvez satisfação *in absentia* em mundos requeira que diferentes coisas sejam o caso dependendo da fórmula em questão. Isto é, talvez seja requerido para que um objecto satisfaça ' $x$  é algo' num mundo que haja uma contraparte do objecto no mundo, enquanto que a satisfação de ' $x$  é um homem' num mundo requer que toda a contraparte do objecto nesse mundo seja um homem. Por outro lado, talvez o discurso modal seja ambíguo, sendo (4) ambígua entre (5) e

- (6) Para todo o objecto  $x$  no mundo actual e para todo o mundo possível  $w$  há uma contraparte  $y$  de  $x$  em  $w$ .

Estes diagnósticos levam Lewis a minimizar a importância da objecção:

Qual é a interpretação correcta das fórmulas modais da linguagem padrão da lógica modal quantificada em termos de teoria das contrapartes? — O que é que isso interessa? Podemos fazê-las significar o que quisermos. Nós somos os seus senhores. Não precisamos ser fiéis aos significados que aprendemos em tenra idade — porque não os aprendemos em tenra idade. Se se demonstrar que esta linguagem de caixas e diamantes é um instrumento desajeitado para falar sobre questões de essência e potencialidade, abandone-se a linguagem (Lewis 1986: 12).

Aquilo que parece interessar é o facto de ser sempre possível encontrar uma tradução apropriada do idioma modal em termos do idioma de mundos possíveis, em qualquer que seja o contexto. Assim, de acordo com Lewis, é a linguagem modal que é defeituosa, e não o discurso acerca de mundos possíveis. Quando há o risco de a linguagem modal ser, por exemplo, ambígua, o que deverá fazer-se é utilizar a linguagem de mundos possíveis directamente, em vez de utilizar como intermediária a linguagem de “caixas e diamantes”.

### 3 Realismo Moderado

O Realismo Moderado proporciona uma posição diferente acerca da natureza de mundos possíveis. Realistas Moderados defendem a posição que mundos possíveis são entidades abstractas, coisas como propriedades, proposições ou estados de coisas, i.e., coisas para as quais existe uma distinção entre existência e ser realizado/ser verdadeiro/obter. No que se segue focar-me-ei nas teorias de mundos possíveis de Plantinga e Stalnaker, presentes em, respectivamente, Plantinga 1974, 1976 e Stalnaker 1976, 2012. As duas teorias são bastantes próximas, embora diverjam, como veremos, em aspectos importantes.

Plantinga defende que mundos possíveis são estados de coisas, enquanto que Stalnaker defende que mundos possíveis são proposições. Plantinga (1976: 145) observa que a sua teoria acerca de mundos possíveis colhe ainda que estados de coisas e proposições sejam equacionados. Assim, no que se segue falarei somente em termos de proposições. Diga-se que uma proposição *P* inclui uma proposição *P'* se e somente se necessariamente, se *P* é verdadeira então *P'* é verdadeira, e que uma proposição *prelui* uma proposição *P'* se e somente se necessariamente não é o caso que se *P* é verdadeira então *P'* é verdadeira. Por exemplo, a proposição que Cristiano Ronaldo é o

melhor futebolista do mundo e joga no Real Madrid inclui a proposição que Cristiano Ronaldo é o melhor futebolista do mundo, e cada uma destas proposições preclui a proposição que Cristiano Ronaldo não é o melhor futebolista do mundo. Finalmente, defina-se que uma proposição  $P$  é maximal se e somente se, para toda a proposição  $P'$ ,  $P$  ou inclui ou preclui  $P'$ . Plantinga defende a seguinte posição acerca da natureza de mundos possíveis:

**Mundos de Plantinga** Ser um mundo possível é nada mais do que ser uma proposição maximal e possivelmente verdadeira.

A concepção de mundos possíveis de Stalnaker é muito similar. Diga-se que uma proposição  $P$  é maximal\* se e somente se, para toda a proposição  $P'$ , ou  $P$  implica  $P'$  ou  $P$  implica a contraditória de  $P'$ . Stalnaker advoga a seguinte posição acerca de mundos possíveis:

**Mundos de Stalnaker** Ser um mundo possível é nada mais do que ser uma proposição consistente e maximal\*.

Dado que é frequentemente assumido que uma proposição  $A$  implica uma proposição  $B$  se e somente se necessariamente  $B$  é verdadeira se  $A$  é verdadeira, seria à partida plausível equacionar as duas concepções de mundos possíveis. Contudo, estas concepções são diferentes, uma vez que Stalnaker e Plantinga têm diferentes teorias de proposições. A diferença entre as teorias e a razão pela qual a concepção de implicação em termos de preservação necessária de verdade é rejeitada por Stalnaker será dada na secção 3.4, página 28. Por agora o foco estará nos pontos em comum entre as teorias de mundos possíveis de Plantinga e Stalnaker.

Como anteriormente mencionado, Lewis encontra-se comprometido com a tese que há mundos possíveis que não existem actualmente e, em geral, com a existência de meros *possibilia* (i.e., objectos que actualmente não existem, que para Lewis são partes de mundos não actuais). Por outro lado, tanto Plantinga como Stalnaker defendem a posição segundo a qual tudo existe actualmente. Dado o compromisso com a existência de vários mundos possíveis, Plantinga e Stalnaker defendem que todos estes mundos existem actualmente. Mas isto não significa que todos os mundos possíveis se encontram em pé de igualdade. Existe um mundo possível que é especial, no sentido em que este é a verdadeira proposição maximal. Algumas ve-

zes este mundo é chamado de *mundo actual*. Mas é importante notar que afirmar que esta proposição é o mundo actual não é o mesmo que afirmar que esta proposição é o único mundo possível que actualmente existe. Os Realistas Moderados utilizam ‘actual’ em dois sentidos diferentes.

Tal como os Realistas Extremos, os Realistas Moderados defendem o elo P-W. Porém, os Realistas Moderados oferecem uma interpretação diferente da expressão ‘em  $w$ ’ que ocorre na formulação do princípio. A expressão em ‘ $w, \varphi$ ’ significa, no contexto do elo P-W, que necessariamente, se é verdade que  $w$  então é verdade que  $\varphi$ .<sup>17</sup> Por exemplo, (1-a) é equivalente à afirmação que existe um mundo possível  $w$  tal que necessariamente se é verdade que  $w$  então a proposição que há uma cadeira partida é verdadeira.

### 3.1 O argumento da familiaridade, e a ausência de redução

Curiosamente, proponentes do Realismo Moderado apelam ao argumento da familiaridade de Lewis como uma defesa da sua própria posição. “Maneiras como as coisas poderiam ter sido” são plausivelmente equacionadas com entidades de ordem superior, tais como proposições (outros candidatos sendo propriedades e estados de coisas). Por exemplo, a proposição que Cristiano Ronaldo não é um futebolista parece ser um candidato a uma maneira como as coisas poderiam ter sido. Dado que mundos possíveis são “maneiras como as coisas poderiam ter sido”, segue-se que a equação de mundos possíveis com proposições é muito plausível. Logo, o Realismo Moderado reflecte a posição do senso comum acerca da natureza de mundos possíveis.

Muito embora o argumento da familiaridade ganhe cogência quando usado como uma defesa do Realismo Moderado (cogência que não possuía enquanto defesa do Realismo Extremo) o argumento da utilidade teórica não se encontra disponível a realistas moderados. É claro que a hipótese que mundos possíveis são proposições pode, no contexto de uma teoria de proposições, levar a uma teorização profícua. Mas uma das grandes vantagens do Realismo Extremo

<sup>17</sup> Ou, na teoria de Stalnaker, que  $w$  implica que  $\varphi$ . No que se segue falarei em termos de preservação necessária de verdade, excepto quando aspectos específicos da teoria de proposições e mundos possíveis de Stalnaker estiverem a ser discutidos.

consiste na promessa de uma redução de muitos primitivos. O Realismo Moderado não possui tal poder reducionista. Claramente, o Realismo Moderado não oferece uma redução de discurso acerca de proposições. O Realismo Moderado também não oferece recursos para a redução do discurso modal. Uma vez que Plantinga explica as noções de inclusão e exclusão em termos da noção de necessidade, ele apela explicitamente ao discurso modal na sua análise de mundos possíveis, e assim não pode apelar a mundos possíveis como uma maneira de reduzir o discurso modal. E muito embora, *prima facie*, a concepção de mundos possíveis de Stalnaker não faça um apelo a discurso modal, tal acontece quando Stalnaker oferece a sua teoria de proposições (veja-se Stalnaker (2012: 27-30)). Assim, a teoria geral de Stalnaker não pode ser vista como oferecendo uma redução de discurso modal a discurso não modal. Logo, a virtude teórica da redução (de discurso modal e discurso acerca de proposições) não se encontra disponível a realistas moderados.

### 3.2 *Objecção: o Realismo Moderado não é uma teoria*

A primeira objecção de Lewis ao Realismo Moderado concerne precisamente o facto que a teoria não oferece uma análise reduitiva de discurso modal e discurso acerca de proposições. O Realismo Extremo de Lewis é superior ao Realismo Moderado neste aspecto, na medida em que oferece tal redução de discurso modal e discurso acerca de proposições. Lewis reconhece que tal vantagem não é decisiva a favor do Realismo Extremo, dado que o realista extremo está comprometido com entidades suspeitas tais como porcos voadores. Mas Lewis argumenta que este aspecto oferece razões para preferir a sua teoria, dado que o realista moderado não é capaz de compreender algumas das noções em termos das quais a sua teoria se encontra formulada.

O argumento de Lewis em defesa desta última afirmação centra-se na relação de “tornar verdadeira” que obtém entre o universo e uma proposição quando o universo torna a proposição verdadeira.<sup>18</sup> Ele desafia o realista moderado a pronunciar-se pelo menos acerca

<sup>18</sup> O uso de ‘tornar verdadeira’ [‘makes-true’] para designar a relação a que Lewis alude é retirado de van Inwagen 1986.

de se a relação é uma relação interna ou externa, isto é, se a relação de tornar verdadeira é “determinada pelas duas naturezas intrínsecas dos seus dois *relata* (...) Ou (...) somente pela natureza intrínseca do compósito dos dois: [proposição] mais mundo concreto” (Lewis 1986: 176). Como Lewis nota, este não é um pedido de análise da relação de tornar verdadeira, um pedido que o realista moderado resistiria a realizar, dada a sua posição que discurso acerca de proposições não é redutível. Ao invés, o pedido é somente de caracterização da relação. Lewis argumenta que a relação não pode ser externa. Pois assumamos que é externa. Em tal caso, se o universo está na relação de tornar verdadeira com uma proposição ou não é algo que é independente da natureza da proposição, e assim o universo poderia estar na relação de tornar verdadeira com a proposição assim como poderia não estar na relação de tornar verdadeira com a proposição. Mas isto é absurdo. Logo, a relação de tornar verdadeira deve ser interna. E aqui surge o verdadeiro problema para o realista moderado. Uma vez que a relação é interna, para apreender que a relação obtém entre a proposição e o mundo é necessário apreender a natureza da proposição. Mas isto parece encontrar-se para além do alcance das nossas capacidades. A razão é que proposições são entidades não espaço-temporais, e assim coisas com as quais não há qualquer contacto causal. Mas como pode a natureza de uma coisa ser apreendida sem que se tenha algum tipo de contacto causal com ela? Tal parece não ser possível. Uma vez que a natureza de proposições não pode ser apreendida, proposições não podem ser distinguidas umas das outras. Mas se assim é, não é possível dizer quando a relação de tornar verdadeira obtém entre o universo e uma proposição em vez de uma outra proposição qualquer. E assim sendo, a própria relação não pode ser apreendida.

Suponha-se que o realista moderado responde que ele é capaz de individuar proposições de tal maneira que ele é capaz de afirmar quando a relação de tornar verdadeira obtém entre o universo e uma proposição em vez de alguma outra, fazendo-o através de descrições como a descrição ‘a proposição que Cristiano Ronaldo é o melhor futebolista no mundo’. Lewis argumenta que esta estratégia não funciona, uma vez que a proposição está a ser especificada como aquela que é tornada verdadeira por o Cristiano Ronaldo ser o melhor futebolista no mundo. Mas uma vez que é necessário apelar à relação de

tornar verdadeira para oferecer tal descrição, a descrição não é esclarecedora, dado que aquilo que estava inicialmente em causa era se o realista moderado é capaz de apreender a relação de tornar verdadeira.<sup>19</sup> Se fosse possível distinguir entre diferentes proposições em termos das suas características intrínsecas, então não seria implausível defender uma capacidade para distinguir entre casos em que a relação de tornar verdadeira obtém entre o universo e uma proposição e casos em que não obtém. Mas o realista moderado parece incapaz de fazê-lo. Logo, o realista moderado não apreende a relação de tornar verdadeira, e assim a sua teoria encontra-se formulada em termos que ele não compreende. Logo, Lewis conclui, realistas moderados não compreendem ‘tornar verdadeira’. Mas então o Realismo Moderado não é uma teoria. Note-se que Lewis não possui um problema semelhante. Uma vez que ele oferece uma concepção reductiva de proposições, ele consegue distinguir proposições através das somas máximas de objectos espaço-temporalmente relacionados que lhes

<sup>19</sup> van Inwagen oferece o seguinte exemplo para ilustrar que esta resposta por parte do realista moderado não funcionaria:

Há exactamente dez cherubins. Há uma certa relação interna a que eu chamo ‘tiposíntese’. Eu não posso definir a palavra ‘tiposíntese’; é um dos meus primitivos. Eu sei que cada humano está na relação de tiposíntese com alguns mas não todos os cherubins, que somente humanos estão na relação de tiposíntese com o que quer que seja, e que se está na relação de tiposíntese somente com cherubins. Eu sou absolutamente incapaz de fazer distinções entre cherubins – excepto usando o termo ‘tiposíntese’. Eu sou algumas vezes capaz de me referir individualmente a cherubins ou a subconjuntos próprios não vazios do conjunto de todos os cherubins chamando-lhes coisas como ‘aquele cherubim tal que todos os Gregos e todos os Tasmanianos estão na relação de tiposíntese com ele’ ou ‘o conjunto de todos os cherubins tais que qualquer dualista Cartesiano está na relação de tiposíntese com eles’; mas a menos que eu use o termo ‘tiposíntese’, sou incapaz de distinguir nem qualquer um dos dez cherubins nem qualquer um dos 1022 conjuntos contendo entre 1 e 9 cherubins (van Inwagen 1986: 206).

Tal como van Inwagen conclui, parecemos ser incapazes de distinguir cherubins uns dos outros de maneira a podermos aplicar ‘cherubim’ correctamente. E assim somos incapazes de discernir quando a relação de tiposíntese obtém, caso em que não compreendemos realmente o que é dito com a expressão ‘tiposíntese’. Lewis argumenta que o caso de proposições e da relação de tornar verdadeira é similar.



pertencem e aquelas que não lhes pertencem. E ele pode dizer em que casos o mundo (actual) torna verdadeira uma proposição. Isto é o caso quando o mundo actual pertence ao conjunto que é idêntico à proposição em questão.

van Inwagen 1986 oferece uma resposta a Lewis em defesa do Realismo Moderado que consiste não em mostrar directamente uma falha no raciocínio de Lewis, mas em vez disso em argumentar que se a estratégia argumentativa de Lewis fosse boa, esta poderia ser usada contra o Realismo Extremo. O argumento é assim um argumento *tu quoque*. O que o argumento de van Inwagen procura demonstrar é que se a estratégia argumentativa utilizada por Lewis é boa, então esta estratégia pode ser utilizada para demonstrar que não apreendemos a relação de pertença. Mas o Realismo Extremo de Lewis tem pertença como um dos seus primitivos. Logo, se a estratégia argumentativa de Lewis é boa, então o Realismo Extremo não é uma teoria (e a teoria dos conjuntos também não é uma teoria, o que parece ser absurdo, caso em que é melhor tomar o argumento de Lewis como não sendo cogente, falhando no seu intuito de mostrar que o realista moderado não apreende a relação de tornar verdadeira). Defina-se que uma relação é contradomínio-interna se e somente se necessariamente, o que quer que está na relação com  $x$  está também na relação com tudo o que tem as mesmas propriedades intrínsecas que  $x$ . van Inwagen mostra que se a relação de pertença não é contradomínio-interna, então deve ser (puramente externa), e utiliza este facto para argumentar que a relação de pertença é contradomínio-interna, uma vez que a relação não é externa. Pois assumamos para redução ao absurdo que pertença é uma relação puramente externa. Em tal caso deveria concluir-se que não existe uma conexão necessária entre um conjunto e os seus elementos uma vez que, como van Inwagen diz, “parece ser um facto que Tom existe e outro que ele está numa certa relação externa com este conjunto e não com aquele. O que impede que seja ao contrário?” (van Inwagen 1986: 210). Logo, o facto que um conjunto tem os elementos que tem não seria um facto necessário, o que é absurdo. Assim, pertença é uma relação contradomínio-interna. Mas em tal caso é plausível concluir, através de um argumento semelhante ao de Lewis, que não é possível compreender ‘é um elemento de’. A razão é que para que se possa dizer, por exemplo, se um qualquer  $x$  é um elemento do conjunto  $X$  em vez

de ser um elemento do conjunto  $Y$ , é necessário ser-se capaz de distinguir entre conjuntos relativamente à sua natureza intrínseca. Mas a única forma pela qual parecemos ser capazes de fazê-lo é apelando à relação de pertença, e esta é exactamente a relação cuja apreensão se está a colocar em questão. Logo, van Inwagen conclui, ou algo está errado com o argumento de Lewis ou discurso acerca de conjuntos deverá ser abandonado. Qualquer que seja a opção que se tome, segue-se que a objecção de Lewis não mostra que o Realismo Extremo é mais vantajoso quando comparado com o Realismo Moderado.

### 3.3 *Objecção: modalidades iteradas e o elo P-W*

McMichael 1983 oferece uma objecção forte ao Realismo Moderado, argumentando que a posição entra em conflito com o elo P-W, e assim que o Realismo Moderado não constitui uma teoria apropriada de mundos possíveis. O conflito pode ser apreciado através da consideração de afirmações *prima facie* verdadeiras que envolvem modalidades iteradas, tais como

- (7) Cristiano Ronaldo e Mariza poderiam ter tido um 11º filho que era um futebolista e que poderia ter sido em vez disso um jogador de hóquei.

Através do elo P-W segue-se que (7) é o caso se e somente se

- (8) Há um mundo possível  $w$  tal que necessariamente, se é verdade que  $w$  então é verdade que há um  $x$  tal que  $x$  é o 11º filho de Cristiano Ronaldo e Mariza e  $x$  é um futebolista, e há um mundo possível  $w'$  tal que necessariamente, se é verdade que  $w'$  então é verdade que  $x$  existe e  $x$  é um jogador de hóquei.

Para além de assumir-se a verdade do Realismo Moderado, duas outras suposições do argumento são a verdade de (7) e (de toda a instância) do elo P-W. Uma quarta suposição (muito plausível) é que nenhum indivíduo actual poderia ter sido o 11º filho de Cristiano Ronaldo e Mariza. O argumento também depende da noção de um *constituente* de uma proposição. A ideia é que algumas proposições, embora não todas, têm constituintes. Por exemplo, a proposição que Cristiano Ronaldo é o melhor futebolista do mundo tem Cristiano Ronaldo como constituinte, e a proposição que Cristiano Ronaldo e

Mariza têm um 11º filho tem Cristiano Ronaldo e Mariza como constituintes, enquanto que a proposição que há alguns homens não possui constituintes. Duas outras suposições do argumento das modalidades iteradas, suposições que fazem uso da noção de constituinte de uma proposição, são que a) necessariamente, para toda a proposição  $p$  e indivíduo  $x$ , se é possível que seja verdade que  $p$  e necessariamente, se é verdade que  $p$  então  $x$  existe, então  $x$  é um constituinte da proposição que  $p$  – isto é, a suposição é que necessariamente qualquer proposição que implica estritamente<sup>20</sup> a existência de um qualquer  $x$  tem  $x$  como constituinte –, e b) que, para toda a proposição  $p$ , necessariamente, para todo o  $x$ , se  $x$  é um constituinte de  $p$ , então  $x$  existe actualmente. A suposição b) pode ser entendida como retirando a sua justificação de uma suposição mais geral, nomeadamente, que proposições dependem ontologicamente dos seus constituintes. Isto é, que necessariamente, para toda a proposição  $p$ , necessariamente, para todo o  $x$ , necessariamente, se  $x$  é um constituinte de  $p$  então é impossível que  $p$  exista e  $x$  não exista. A ideia é que os constituintes de proposições funcionam de forma análoga aos membros de conjuntos. Tal como parte daquilo em que consiste ser um certo conjunto é ter certos elementos, e assim conjuntos dependem ontologicamente dos seus elementos, para algumas proposições parte daquilo em que consiste ser essas proposições consiste em ter certos constituintes, e assim estas proposições dependem ontologicamente dos seus constituintes. Uma suposição final do argumento é que proposições são existentes necessários, ou mais precisamente, que necessariamente toda a proposição existe necessariamente.

O argumento de McMichael é o seguinte: considere-se (8). Dada a suposição que nenhum indivíduo (actual) poderia ter sido o 11º filho de Cristiano e Mariza, de (8) segue-se que

- (9) Há um mundo possível  $w$  tal que necessariamente, se é verdade que  $w$  então é verdade que há um  $x$  tal que  $x$  não existe actualmente, e há um mundo possível  $w'$  tal que necessariamente, se é verdade que  $w'$  então é verdade que  $x$  existe.

<sup>20</sup> Onde uma proposição  $p$  implica estritamente uma proposição  $q$  se e somente se necessariamente, se é verdade que  $p$  então é verdade que  $q$ .

Além disso, uma vez que  $w$  é um mundo possível, é possível que seja verdade que  $w$ , e assim

- (10) É possível que haja um  $x$  tal que  $x$  não existe actualmente, e há um mundo possível  $w'$  tal que necessariamente, se é verdade que  $w'$  então é verdade que  $x$  existe.

Dada a suposição que necessariamente toda a proposição existe necessariamente, de (10) segue-se que

- (11) Há um mundo possível  $w'$  tal que é possível que haja um  $x$  tal que  $x$  não existe actualmente, e necessariamente, se é verdade que  $w'$ , então é verdade que  $x$  existe.

De (11) e da suposição que se uma proposição implica estritamente que um objecto existe, então o objecto é um constituinte da proposição segue-se que

- (12) Há um mundo possível  $w'$  tal que é possível que haja um  $x$  tal que  $x$  não existe actualmente, e  $x$  é um constituinte de  $w'$ .

Finalmente, de (12) e da suposição que para toda a proposição  $p$ , necessariamente, para todo o  $x$ , se  $x$  é um constituinte de  $p$ , então  $x$  existe actualmente obtém-se que

- (13) Há um mundo possível  $w'$  tal que é possível que haja um  $x$  tal que  $x$  não existe actualmente, e  $x$  existe actualmente.

Mas (13) é absurda. Logo, o Realismo Moderado não é compatível com a verdade de toda a instância do elo P-W, e deve portanto ser rejeitado.<sup>21</sup>

### 3.4 A objecção de McMichael e as diferenças entre as teorias de Plantinga e Stalnaker

A objecção de McMichael ao Realismo Moderado constitui um momento oportuno para apresentar uma diferença importante entre as teorias de proposições de Plantinga e de Stalnaker. Plantinga defende a seguinte tese acerca de proposições:

<sup>21</sup> Para o leitor interessado, no apêndice de McMichael 1983 é oferecida uma formalização da objecção das modalidades iteradas.

**Necessitismo de Ordem Superior** Necessariamente, toda a proposição, propriedade e relação  $n$ -ária existe necessariamente.

Plantinga defende, em particular, que necessariamente, para todo o objecto  $x$ , toda a proposição acerca de  $x$  (tal como a proposição que  $x$  existe) existe necessariamente e que necessariamente toda a asseidade existe necessariamente, onde uma asseidade é uma propriedade tal que é possível que algum  $x$  a instancie, e necessariamente, se alguma coisa a instancia, essa coisa é idêntica a  $x$ . Um exemplo de uma asseidade é a propriedade de ser idêntico a Cristiano Ronaldo.

Já Stalnaker defende que algumas proposições, propriedades e relações  $n$ -árias possivelmente não existem, e também que poderiam ter havido proposições, propriedades e relações  $n$ -árias que actualmente não existem. Uma das razões pelas quais Stalnaker defende esta posição tem que ver com o facto que ele defende que algumas proposições, propriedades e relações  $n$ -árias dependem ontologicamente de indivíduos que existem contingentemente.<sup>22</sup> Stalnaker rejeitaria, nomeadamente, a existência necessária de diversas asseidades, sendo a propriedade de ser idêntico a Cristiano Ronaldo um candidato natural a ser uma asseidade de existência contingente, uma vez que Stalnaker defende a posição que asseidades dependem daqueles indivíduos dos quais são asseidades.

Estas duas posições acerca do estatuto modal de proposições estão relacionadas com duas diferentes linhas de resposta à objecção de McMichael.<sup>23</sup> A teoria de Plantinga leva-o a rejeitar pelo menos uma

<sup>22</sup> Muito embora esta não seja a única razão pela qual Stalnaker defende esta posição. Veja-se Stalnaker (2012: 53).

<sup>23</sup> Existe uma outra resposta à objecção de McMichael que tem ganho alguma popularidade em tempos recentes. Esta resposta consiste em defender que há (actualmente) um  $x$  tal que  $x$  poderia ter sido o 11º filho de Cristiano Ronaldo, contrariamente à suposição de McMichael. Esta resposta é defendida por Linsky e Zalta 1996 e Williamson 2013. Estes filósofos defendem o *Necessitismo*, a tese que necessariamente todo o objecto existe. O Necessitismo implica que toda a afirmação da forma  $\Diamond \exists x \phi$  é equivalente a uma afirmação da forma  $\exists x \Diamond \phi$  (isto é, necessitistas estão comprometidos com a verdade de toda a instância tanto da Fórmula de Barcan como da Fórmula Conversa de Barcan). Os Necessitistas procuram acomodar a ideia que alguns indivíduos existem contingentemente distinguindo entre ser concreto ou abstracto e não ser concreto nem abstracto. Por exemplo, quando intuitivamente se defende que Cristiano Ronaldo poderia não

das seguintes suposições:

- (14) a. necessariamente, para toda a proposição  $p$  e indivíduo  $x$ , se é possível que  $p$  seja verdadeira e necessariamente, se  $p$  é verdadeira então  $x$  existe, então  $x$  é um constituinte da proposição que  $p$  (isto é, a suposição é que necessariamente toda a proposição que implica estritamente a existência de algum  $x$  tem  $x$  como seu constituinte);
- b. para toda a proposição  $p$ , necessariamente, para todo o  $x$ , se  $x$  é um constituinte de  $p$ , então  $x$  existe actualmente.

A razão é que (14-a) e (14-b) levam a uma inconsistência em conjunção com a hipótese plausível que poderia ter existido um indivíduo  $x$  e uma proposição  $p$  tais que  $x$  não existe actualmente e  $p$  é a proposição que  $x$  existe. Quanto a Stalnaker, como previamente discutido ele rejeitaria a suposição (15)

- (15) Necessariamente, toda a proposição existe necessariamente.

Recorde-se que Stalnaker não pode equacionar a relação de implicação que obtém entre proposições com a relação de preservação necessária de verdade, com a consequência que as concepções de mundos possíveis de Plantinga e Stalnaker são de facto diferentes. A razão pela qual implicação e preservação necessária de verdade não podem ser equacionadas tem que ver com a rejeição de (15) por parte de Stalnaker. Aqui estão dois contra-exemplos à equação, em ambas as direcções. Assuma-se, como Stalnaker o faz, que a proposição que Cristiano Ronaldo não existe depende ontologicamente da existência de Cristiano Ronaldo. Isto é, assumo-se que não é possível que a proposição que Cristiano Ronaldo não existe exista e que Cristiano Ronaldo não exista. Por um lado, é plausível assumir que não é o caso que a proposição que Cristiano Ronaldo não existe im-

---

ter existido, os necessitistas argumentam que, literalmente falando, esta afirmação é falsa, e que o que é de facto o caso é que Cristiano Ronaldo poderia ter sido não-concreto (e não-abstracto), sendo ainda assim algo. Uma das principais razões pelas quais estes filósofos defendem o Necessitismo concerne o facto que a posição é compatível com a Lógica Modal Quantificada Mais Simples. A questão se esta é uma razão suficiente para vindicar o Necessitismo encontra-se fora do âmbito deste ensaio.

plica toda a proposição. Por exemplo, esta proposição não implica a proposição que Messi é um futebolista. Por outro lado, é impossível que a proposição que Cristiano Ronaldo não existe seja verdade. A razão é que a proposição deve existir para que tenha a propriedade de ser verdadeira, caso em que Cristiano Ronaldo deve também existir. Assim, necessariamente, se a proposição que Cristiano Ronaldo não existe é verdadeira, então a proposição que Messi é um futebolista é verdadeira. Contudo, como assumido, a proposição que Cristiano Ronaldo não existe não implica que Messi é um futebolista. Para a outra direcção, o contra-exemplo a ser utilizado é de Stalnaker:

A proposição que ninguém é imortal implica a proposição que não é o caso que Barack Obama é imortal. Mas se Obama não tivesse existido, a proposição que ele era (ou que ele não era) imortal não teria existido, e assim a proposição que não é o caso que ele é imortal não teria sido verdadeira. Mas poderia ainda assim ser verdade, em tal situação contrafactual, que ninguém é imortal (Stalnaker 2012: 48).

### 3.4.1 A teoria de Plantinga e a semântica de mundos possíveis

Um aspecto importante da teoria de Plantinga é que a hipótese que necessariamente toda a proposição, propriedade e relação  $n$ -ária existe necessariamente (e desta forma existe actualmente) oferece as ferramentas para uma interpretação simples e realista da semântica de Kripke para a lógica modal de primeira ordem, uma interpretação que acomoda a existência de um modelo pretendido.

Modelos de Kripke são quadrúplos  $M = \langle W_M, w_M, D_M, I_M \rangle$ , onde  $W_M$  é um conjunto não vazio (usualmente entendido como representando o conjunto de todos os mundos possíveis),  $w_M \in W_M$  (usualmente entendido como representando o mundo actual),  $D_M$  é uma função que atribui a cada  $w \in W_M$  um conjunto (possivelmente vazio)  $D_M(w)$  (entendido como representando o conjunto dos indivíduos que existem no mundo  $w$ ), com a condição que  $\bigcup_{w \in W_M} D_M(w)$  é não vazio, e  $I_M$  é uma função de interpretação que atribui a cada mundo  $w$  e predicado  $n$ -ário da linguagem um conjunto de  $n$ -tuplos em  $(D_M(w))^n$ , e que atribui a cada constante individual um elemento em  $\bigcup_{w \in W_M} D_M(w)$ .

A mais simples interpretação da semântica de Kripke (aquela oferecida nos parênteses do parágrafo anterior) é *possibilista* (isto é, está comprometida com a tese que há objectos que não existem actual-

mente), se se assumir que o seguinte é o caso:

- (16) a. Poderia ter havido algo que não existe actualmente.  
 b.  $\Diamond \exists x \neg (@ \exists y (x = y))$ .

Isto pode ser verificado notando que a fórmula (16-b) é verdadeira num modelo  $M$  se e somente se há um  $w \in W_M$  e  $d \in D_M(w)$  tal que  $d \notin D_M(w_M)$ . Mas de acordo com a interpretação mais simples da semântica de Kripke o conjunto  $D_M(w_M)$  representa o conjunto cujos elementos são aqueles indivíduos que existem no mundo actual. Isto é, de acordo com a interpretação mais simples da semântica o modelo representa a realidade como sendo tal que há um objecto que não é um objecto actual. Se se assumir que há um modelo pretendido  $M^*$ , e que se  $M^*$  é o modelo pretendido, então, por exemplo,  $D_{M^*}(w_{M^*})$  é de facto o conjunto do que actualmente existe, então é ainda mais claro que a mais simples interpretação da semântica de Kripke é possibilista.<sup>24</sup> A razão é que a fórmula (16-b) só pode ser verdadeira no modelo pretendido se houver algum  $w \in W_{M^*}$  e  $d \notin D_{M^*}(w_{M^*})$ , o que seria tomado como implicando que há pelo menos uma coisa que não existe actualmente. Mas isto é contrário ao Actualismo, a contradição do Possibilismo. Porém, tanto Plantinga como Stalnaker são actualistas. Ambos aceitam a verdade de (16-b). Logo a interpretação mais simples da semântica de Kripke não se encontra disponível nem a Plantinga nem a Stalnaker.

A teoria de Plantinga (e em particular a tese que necessariamente toda a asseidade existe necessariamente) oferece os recursos para uma interpretação actualista da semântica de Kripke. Onde  $M^*$  consiste no modelo pretendido de acordo com a interpretação de Plantinga, de acordo com esta interpretação,  $W_{M^*}$  é o conjunto de todas as proposições máximas e possivelmente verdadeiras (i.e., de mundos possíveis),  $w_{M^*}$  é o mundo possível verdadeiro,  $D_{M^*}$  é uma função que atribui a cada mundo  $w$  o conjunto de todas as asseidades

<sup>24</sup> A suposição que existe um modelo pretendido causa outros tipos de problemas, uma vez que traz consigo a suposição que há um conjunto de tudo aquilo que actualmente existe, e assim contém todos os conjuntos, sendo que não é o caso que existe tal conjunto. Contudo, note-se que este problema é diferente do problema discutido no texto. Mesmo que houvesse tal conjunto, a mais simples interpretação da semântica seria ainda assim possibilista.



$X$  tais que não é possível que  $w$  seja verdadeiro e  $X$  não seja exemplificada, e  $I_{M^*}$  é tal que, para todo o predicado  $n$ -ário  $P^n$  e mundo  $w \in W_{M^*}$ ,  $I_{M^*}(P^n, w)$  é o conjunto de todos os  $n$ -tuplos de asseidades que são coexemplificadas com  $P^n$  em  $w$  (i.e., o conjunto de todos os  $n$ -tuplos de asseidades tais que necessariamente, se  $w$  é verdadeiro, então elas são coexemplificadas com  $P^n$ , e para toda a constante individual  $c$ ,  $I_{M^*}(c)$  é a asseidade de  $c$ . Uma fórmula como

$$(17) \Diamond Bg$$

onde  $B$  pode ser lido como o predicado ‘ganha o Ballon D’Or’ e  $g$  como o nome ‘Ryan Giggs’, é satisfeita pelo modelo pretendido  $M^*$  se e somente se há um mundo possível  $w \in W_{M^*}$  e asseidade  $d$  tais que  $d \in I_{M^*}(B, w)$ , i.e., se há uma asseidade  $d$  e mundo possível  $w$  tais que necessariamente, se  $w$  é verdadeiro, então  $B$  e  $d$  são coexemplificados.<sup>25</sup>

Apesar da elegância da teoria de Plantinga, McMichael argumenta que esta é, em última análise, defeituosa, uma vez que depende da afirmação controversa que coisas como asseidades e proposições *de re* existem necessariamente. Uma primeira razão apresentada por McMichael contra esta afirmação prende-se com o que este alega ser a intuição que propriedades como a propriedade ser idêntico a Cristiano Ronaldo dependem para a sua existência da existência de Cristiano Ronaldo (que ele considera existir contingentemente). Uma outra razão tem que ver com a observação que a semântica de Plantinga é isomórfica à de Kripke. Uma vez que a semântica de Kripke é possibilista, pelo menos aparentemente, o isomorfismo entre as duas semânticas constitui uma razão para crer que a semântica de Kripke é também ela possibilista. Em defesa da mesma tese, McMichael observa que “Introduzir propriedades primitivas cada uma das quais é específica de algum objecto não actual parece ser o mesmo que aceitar o possibilismo” (McMichael 1983: 61). E por último, McMichael objecta que Plantinga é incapaz de oferecer um único exemplo de uma essência não exemplificada, assim como de uma proposição que poderia ter sido uma proposição acerca de um objecto não existente. Assim, McMichael defende que a teoria de

<sup>25</sup> Para mais detalhes sobre o funcionamento da interpretação actualista da semântica de Kripke oferecida por Plantinga, veja-se Jäger 1982.

mundos possíveis de Plantinga e a sua interpretação realista da semântica da lógica modal de primeira ordem devem ser rejeitadas. As objecções de McMichael serão avaliadas na secção 5.1.

### 3.4.2 A teoria de Stalnaker e a semântica de mundos possíveis

As objecções de McMichael à existência necessária de proposições *de re* e asseidades pressupõe que ele rejeita (15). Mas McMichael também argumenta que o realista moderado não está em posição de rejeitar (15). A razão, como McMichael a apresenta, é que rejeitar (15) implica abandonar a extensionalidade proporcionada pelo discurso acerca de mundos possíveis,

uma vez que é afirmado que o quantificador sobre mundos possíveis no contexto ‘há um mundo possível  $W$  tal que  $W$  inclui \_\_\_\_\_’ não possui um domínio idêntico ao do quantificador fora. Isto é, não têm ambos como domínio um conjunto universal de mundos possíveis” (McMichael 1983: 55).

Assim, rejeitar (15) teria como consequência a perda de uma das principais virtudes do uso de mundos possíveis na elaboração de teorias. Em particular, o realista moderado estaria forçado a adoptar uma semântica não realista. Mas isto é algo que McMichael considera ser insatisfatório dado que, por um lado, “o número de possíveis que não são actuais e as suas relações deverá ser determinado” (McMichael 1983: 62), não parecendo óbvio a McMichael como tal poderá ser feito e, por outro lado, “queremos um método para excluir os aspectos artificiais da semântica” (McMichael 1983: 63).

Stalnaker argumenta que realistas moderados não se encontram obrigados a oferecer uma semântica não-realista, uma vez que podem oferecer um “método para ‘excluir’ os aspectos artificiais” (McMichael 1983: 63). De acordo com ele isto é alcançado enriquecendo modelos de Kripke com meios para distinguir os elementos do modelo que são representacionalmente significativos daqueles que são meramente instrumentais. De acordo com Stalnaker:

A totalidade do modelo de Kripke representa não somente estas propriedades [os possíveis estados do mundo] mas também a estrutura das relações entre estas propriedades (os possíveis estados do mundo) e entre elas e outras coisas. Os pontos [num modelo de Kripke, i.e., os elementos em  $W_M$ ] eles próprios não são propriedades – são pontos num

espaço abstracto usado para representar estados possíveis do mundo (Stalnaker 2012: 38).

Para além de proposições, Stalnaker considera que modelos de Kripke representam propriedades, relações e as relações que obtêm entre proposições, propriedades, relações, proposições e propriedades, proposições e relações, etc. É importante salientar que a noção de proposição em que Stalnaker está interessado é uma de acordo com a qual proposições que se implicam mutuamente são idênticas. Esta é uma concepção de propriedades com a qual

todos os teóricos de proposições podem concordar, mesmo que queiram permitir, de várias maneiras diferentes, objectos mais finamente individuados que determinem proposições neste sentido de proposição em que proposições são individuadas de modo mais grosseiro (Stalnaker 2012: 26).

Quanto à representação de proposições, Stalnaker considera que estas (e assim, mundos possíveis) são representadas por conjuntos de elementos em  $W_M$ . Recorde-se que Lewis também defende que mundos possíveis podem ser vistos como conjuntos de somas máximas de objectos espaço-temporalmente relacionados. Um aspecto interessante da forma como Stalnaker representa proposições (que deriva do seu compromisso com a possibilidade de existirem proposições que não existem actualmente, e de existirem proposições que existem contingentemente) é que onde para Lewis mundos possíveis podem ser vistos como conjuntos unidade de somas máximas de objectos espaço-temporalmente relacionados, para Stalnaker alguns conjuntos representando mundos possíveis contém mais de um elemento de  $W_M$ .

Assuma-se, de modo Stalnakeriano, que necessariamente, para todo o indivíduo  $x$  que é o 11º filho de Cristiano Ronaldo e Mariza, actualmente não há proposição alguma que seja a proposição que  $x$  é o 11º filho de Cristiano Ronaldo e Mariza, muito embora pudesse ter havido tal proposição. Seja  $w$  um mundo possível (i.e., uma proposição maximamente\* consistente) que implica a proposição que há um  $x$  tal que  $x$  é o 11º filho de Cristiano e Mariza. De acordo com Stalnaker,  $w$  é uma proposição contingentemente máxima\*. Isto é, poderia ter havido uma proposição  $w'$  tal que  $w$  não implicaria  $w'$ . Esta proposição  $w'$  implicaria, para algum indivíduo meramente possível  $x$ , a proposição que  $x$  é o 11º filho de Cristiano Ronaldo e

Mariza. No modelo, a proposição  $w$  é representada por um conjunto  $S$  com mais de um elemento em  $W_M$ , enquanto que  $w'$  é representada pelo conjunto unidade de um dos elementos de  $S$ . Stalnaker explica este facto da seguinte forma:

Intuitivamente, os pontos podem ser tomados como representações de possibilidades, um das quais seria uma possibilidade máxima se [a proposição consistente máxima\* representada pelo conjunto do qual são membros] tivesse sido realizada (Stalnaker 2012: 31).

De modo a distinguir os elementos num modelo de Kripke que são representacionalmente significativos daqueles que são meramente instrumentais Stalnaker adiciona aos modelos de Kripke uma família de relações de equivalência, uma relação de equivalência para cada elemento em  $W_M$ . Assim, Stalnaker esclarece que,

Cada ponto numa classe de equivalência tem exactamente o mesmo significado representativo (no mundo actual) que qualquer outro ponto na sua classe de equivalência. Mas precisamos de mais de um ponto para representar as diferentes possibilidades que existiriam se aquela possibilidade tivesse obtido (Stalnaker 2012: 32).

Aplicando as observações de Stalnaker ao exemplo em discussão, cada ponto no conjunto  $S$  tem exactamente o mesmo significado representacional que qualquer outro ponto em  $S$ , e assim todos estes pontos pertencem à mesma classe de equivalência determinada pela relação de equivalência anexada ao mundo actual. Mas precisamos de diferentes pontos para representar o facto que, se o mundo possível representado por  $w$  tivesse obtido, então teriam havido diferentes possibilidades correspondendo aos diferentes indivíduos que poderiam ter sido o 11º filho do Cristiano Ronaldo e da Mariza.

Stalnaker defende assim que o Realismo Moderado possui os recursos para oferecer uma interpretação realista da semântica de mundos possíveis. O truque consiste em ser-se explícito acerca daquilo que a semântica procura representar, e em fornecer um método para excluir aqueles elementos da semântica que não são representacionalmente significativos. O método de Stalnaker consiste em adicionar a cada modelo de Kripke uma classe de relações de equivalência, sendo que cada ponto numa classe de equivalência gerada pela relação de equivalência tem o mesmo significado representacional (no mundo ao qual a relação de equivalência é anexada) que qualquer outro ponto na mesma classe de equivalência. Relativamente às reservas de

McMichael quanto à viabilidade da semântica capturar “o número de possíveis não actuais e as suas relações”, Stalnaker é algo concessivo, defendendo que somente pretende que a semântica forneça tantos possíveis não actuais quantos são requeridos pelos propósitos que levam à construção do modelo (veja-se Stalnaker (2012: 42)).

#### 4 O Realismo Extremo reconsiderado

Em geral, os filósofos suspeitam da hipótese da existência de uma pluralidade de universos concretos. Contudo, mostrar porque razão a verdade da hipótese não deve ser aceite não é uma tarefa fácil. Argumentarei nesta secção que a hipótese não é teoricamente útil. Começarei por apresentar algumas considerações aduzidas por Rayo (2013: secção 5.2.2), com o propósito de mostrar que a teoria de Lewis não oferece uma análise reductiva do discurso modal. Argumentarei em seguida que a hipótese da existência de uma pluralidade de mundos possíveis é auto-refutante, se levada a sério, uma vez que fazê-lo requer um apelo a discurso modal e a discurso acerca de propriedades. O resultado é que a hipótese deve ser abandonada, dado que a única razão para a sua adopção concerne a sua utilidade teórica, e a hipótese não é teoricamente útil, se levada a sério.

##### 4.1 A suposição substantiva de Lewis

Como previamente mencionado, para Lewis, uma afirmação modal *de re* como

- (3) Há um mundo possível  $w$  tal que, em  $w$ , Ryan Giggs ganha o Ballon D’Or

é verdadeira somente no caso de Giggs satisfazer vicariamente, em  $w$ , ‘ $x$  ganha o Ballon D’Or’ (uma vez que não é o caso que Giggs tenha actualmente ganho o Ballon D’Or), o que é o caso se e somente se há uma contraparte  $x$  de Giggs que é uma parte de  $w$  e que ganha o Ballon D’Or. Rayo nota que, de acordo com Lewis, isto é o caso se e somente se há uma condição  $\psi$  analisável em termos de uma distribuição espaço-temporal de propriedades perfeitamente naturais tal

que  $w$  representa ‘Ryan Giggs ganha o Ballon D’Or’ somente se  $x$  satisfaz  $\Psi$  em  $w$ . Em geral, uma frase da forma

(18)  $\Diamond\Phi\alpha$

é verdadeira, de acordo com Lewis, se e somente se há um mundo possível  $w$ , contraparte  $x$  de  $\alpha$  e condição  $\Phi^*$  tal que  $x$  é parte de  $w$  e satisfaz  $\Phi^*$ , onde  $\Phi^*$  é analisável em termos de uma distribuição espaço-temporal de propriedades perfeitamente naturais. Mas, como Rayo nota, é muito dubitável que haja alguma teoria que seja capaz de apresentar, para toda a afirmação verdadeira da forma  $\Diamond\Phi\alpha$ , uma condição  $\Phi^*$  analisável em termos de uma distribuição espaço-temporal de propriedades naturais tal que o facto de haver uma contraparte  $\alpha$  em algum mundo  $w$  que, em  $w$ , satisfaz  $\Phi^*$  representa que, em  $w$ ,  $\Phi\alpha$  é verdadeira. Por exemplo,  $\Phi^*$  não pode ser um predicado que denote uma propriedade disposicional, uma vez que propriedades disposicionais são propriedades cuja exemplificação por um indivíduo depende do comportamento das suas contrapartes. Mas mesmo o vocabulário primitivo da física contém, argumentavelmente, expressões que denotam propriedades disposicionais. Rayo menciona como exemplo a propriedade de ter massa, uma vez que é plausível defender que “parte daquilo em que consiste ter massa é ter uma disposição a resistir aceleração” (Rayo 2013: 137).

Rayo antecipa uma objecção Lewisiana segundo a qual o problema acima mencionado é nada mais do que um problema de linguagem, dos nossos recursos expressivos actuais, e não um problema concernente à existência das propriedades perfeitamente naturais em questão. Rayo responde à objecção notando que a afirmação que existem tais propriedades perfeitamente naturais consiste numa suposição substantiva, e que tal suposição requer justificação. Parece-me que a resposta de Rayo está essencialmente correcta, e que esta levanta dificuldades à hipótese da existência de um pluriverso Lewisiano. O melhor argumento de Lewis para a existência de tal pluriverso é o argumento da utilidade teórica, um argumento que depende, de maneira crucial, da tese que a hipótese de um pluriverso Lewisiano permite a redução do discurso modal e do discurso acerca de propriedades. O que Rayo mostra é que Lewis não oferece tal redução, e que ele nem sequer tem disponíveis, pelo menos não presentemente, os recursos necessários para levar a cabo tal redução (uma vez que,

plausivelmente, a redução seria levada a cabo numa linguagem contendo a linguagem da física). Logo, a tentativa de Lewis de mostrar que a hipótese de um pluriverso Lewisiano é teoricamente útil não é bem sucedida. Mas assim sendo parece existir justificação insuficiente para acreditar na hipótese.

#### 4.2 *A hipótese é auto-refutante*

Recorde-se a objecção de Shalkowski a Lewis com o intuito de demonstrar que a teoria de Lewis é circular. Irei sugerir que as considerações aduzidas por Shalkowski podem ser aplicadas na formulação de uma objecção diferente à teoria de Lewis. A estrutura da minha objecção é a seguinte: se a hipótese que existem várias somas máximas de objectos espaço-temporalmente relacionados for levada a sério, então a teoria de Lewis não é a melhor teoria disponível. Uma teoria com maior utilidade teórica que a de Lewis, contendo mais verdades acerca do pluriverso Lewisiano, pode ser obtida se aceitarmos discurso modal e discurso acerca de propriedades como primitivo. Mas a única razão para levar a sério a hipótese de um pluriverso Lewisiano tem que ver com a promessa de uma redução. Logo, a hipótese de um pluriverso Lewisiano deverá ser rejeitada.

Como Sider observa, a acusação de circularidade de Shalkowski não é bem sucedida. Mas Shalkowski tem razão quando nota que o princípio da recombinação de Lewis é demasiado fraco para garantir o conteúdo intuitivo de Plenitude,

**Plenitude** Para toda a maneira como as coisas poderiam ter sido há uma soma máxima de objectos espaço-temporalmente relacionados, e vice-versa.

Esta observação convida a uma objecção diferente ao Realismo Extremo de Lewis. A ideia é que uma teoria que tivesse todas as consequências desejáveis da teoria de Lewis e que também fosse capaz de caracterizar o pluriverso Lewisiano seria preferível ao Realismo Lewisiano. À primeira vista, tal teoria encontra-se imediatamente disponível através da adição da tese da Plenitude à teoria de Lewis, caso em que tanto discurso modal como discurso acerca de propriedades teriam que ser tomados como primitivos. Mas isto não é suficiente. O problema é que as análises reductivas de Lewis permitem-

-lhe obter verdades formuladas numa linguagem modal e acerca de propriedades através de verdades formuladas numa linguagem acerca de mundos possíveis concretos. Mas este problema não é inultrapassável. O truque consiste em acrescentar a esta nova teoria princípios-ponte que façam a ligação entre afirmações acerca do pluriverso Lewisiano e afirmações acerca de modalidade e propriedades. Um destes princípios-ponte é o elo P-W, sendo outros princípios também requeridos. Focando a discussão num só exemplo, para relacionar verdades acerca do pluriverso Lewisiano com verdades acerca do domínio de propriedades, um dos princípios requeridos é:  $\forall X^n$ , se  $X^n$  é um conjunto de sequências  $n$ -árias de partes de somas máximas de indivíduos espaço-temporalmente relacionados, então há uma propriedade  $X'$  tal que  $\forall x_1 \dots \forall x_n (\langle x_1, \dots, x_n \rangle \in X^n \text{ sse } (x_1, \dots, x_n \text{ são coexemplificadas com } X'))$ . Não oferecerei aqui tal teoria, embora espere que as minhas observações tenham sido suficientes para dar uma ideia da sua forma.

Chame-se a esta nova teoria 'Realismo Exagerado'. Há algumas teses que fazem parte do Realismo Extremo de Lewis que não fazem parte do Realismo Exagerado. Exemplos dignos de nota são a tese que ser uma propriedade não é mais do que ser um conjunto de partes de universos Lewisianos, e que ser uma proposição não é mais do que ser um conjunto de universos Lewisianos. Mas este custo não parece ser alto, uma vez que o Realismo Exagerado contém todas as verdades indisputáveis formuláveis nos idiomas modal e acerca de propriedades que o Realismo Extremo contém. Por outro lado, a tese da Plenitude permite caracterizar o pluriverso Lewisiano de um modo não disponível a Lewis, uma vez que Lewis não toma o discurso modal e acerca de propriedades como primitivo. Além disso, os princípios-ponte podem ser utilizados de modo a obter teses acerca de propriedades, proposições, modalidade, etc. através de teses acerca do pluriverso, e vice-versa. Assim, o Realismo Exagerado é preferível ao Realismo Extremo de Lewis. Embora no que concerne ideologia o Realismo Exagerado tenha custos mais altos quando comparado com o Realismo Moderado, o preço parece o certo dado que o Realismo Exagerado possui como vantagem o ser capaz de oferecer uma caracterização mais substantiva do pluriverso Lewisiano. O *rationale* por detrás da defesa da tese que o Realismo Exagerado é preferível ao Realismo Extremo é assim uma espécie de "anti-Navalha":



apele-se a tantos primitivos quanto seja necessário para derivar afirmações que devam contar como afirmações verdadeiras da teoria.

Esta é uma boa altura para parar e reconsiderar o argumento original de Lewis em defesa do Realismo Extremo. O argumento depende da tese que a hipótese de um pluriverso Lewisiano é teoricamente útil, uma vez que a hipótese desempenha um papel ineeliminável na defesa de uma teoria que possui menos primitivos em comparação com as teorias alternativas, e que é pelo menos tão boa quanto as restantes teorias disponíveis no que concerne as teses acerca de conteúdo mental, propriedades, valores semânticos, etc. cuja verdade não se encontra em disputa. Mas, uma vez que assim é, leve-se a sério a hipótese de um pluriverso Lewisiano, procurando-se obter tantas verdades acerca deste quanto possível. Esta postura leva a privilegiar o Realismo Exagerado em detrimento do Realismo Extremo, uma vez que o Realismo Exagerado oferece um princípio substantivo que permite melhor caracterizar a pluralidade de mundos concretos. Mas, é importante salientar que o Realismo Exagerado requer que discurso modal e discurso acerca de propriedades seja tomado como não sendo analisável, ou em todo o caso como não sendo analisável somente em termos do que se passa em mundos Lewisianos. Isto significa que se a hipótese de um pluriverso Lewisiano for tomada a sério, então não oferece os meios para a prometida redução de discurso modal e de propriedades, dado que a caracterização do pluriverso requer um apelo a discurso modal e de propriedades. Assim, a única razão para adoptar o Realismo Extremo encontra-se ausente a partir do momento em que a hipótese de um pluriverso Lewisiano é levada a sério. Logo, a vantagem teórica do Realismo Extremo é ilusória, desaparecendo mal se procura caracterizar o próprio pluriverso Lewisiano. Logo, é preferível rejeitar o Realismo Extremo. A hipótese de um pluriverso Lewisiano não possui as vantagens que foram prometidas, nomeadamente, redução de discurso modal e acerca de propriedades, e traz consigo custos elevados, por exemplo, o custo de aceitar que existem burros falantes.

## 5 A objecção das modalidades iteradas reconsiderada

Argumentavelmente, a objecção das modalidades iteradas constitui hoje em dia o maior desafio ao Realismo Moderado. Nesta secção re-

visitarei os argumentos de McMichael contra o Realismo Moderado Plantinganeano, assim como a resposta de Stalnaker à objecção de McMichael à sua teoria. Em defesa de Plantinga, argumentarei que as objecções de McMichael não constituem boas razões para acreditar que asseidades existem contingentemente. Quanto à resposta de Stalnaker a McMichael, apresentarei aquilo que penso ser uma dificuldade à estratégia Stalnakeriana para oferecer uma interpretação realista da semântica de Kripke, e direi porque acredito que, ainda assim, a dificuldade não coloca em causa a resposta de Stalnaker a McMichael. O resultado é que a objecção de McMichael contra o Realismo Moderado não é bem sucedida.

### 5.1 *Será que proposições e propriedades existem necessariamente?*

As objecções de McMichael a Plantinga parecem-me não ser plausíveis. Comece-se com a afirmação que a semântica de Plantinga deve ser considerada possibilista, uma vez que é isomórfica à semântica de Kripke, uma semântica que, como McMichael afirma, é “à primeira vista, uma semântica possibilista” (McMichael 1983: 61). Uma resposta a esta objecção de McMichael a Plantinga consiste em salientar que um apelo ao facto que a semântica de Plantinga e a semântica de Kripke são isomórficas não estabelece muito, dado que tal facto pode ser utilizado em argumentos que procuram mostrar teses opostas. Em particular, a seguinte resposta encontra-se disponível a um proponente do Realismo Moderado de Plantinga: uma vez que as duas semânticas são isomórficas, a conclusão a tomar é que, apesar das aparências, a semântica de Kripke é de facto actualista, uma vez que a semântica de Plantinga é ela própria actualista.

Quanto à objecção de acordo com a qual Plantinga é incapaz de oferecer um único exemplo de uma essência não exemplificada, aqui está um exemplo daquilo que é uma essência não exemplificada, se a verdade da tese da necessidade das origens for assumida: a propriedade de ser um ser humano originado pela união do óvulo *y* e do espermatozóide *z*, assumindo que o óvulo *y* e o espermatozóide *z* não se uniram de facto. Em relação à observação de McMichael que “introduzir propriedades primitivas cada uma das quais é específica de algum objecto não actual parece ser o mesmo que aceitar o possibilismo” (McMichael 1983: 61) as únicas coisas a dizer são que a

observação, por si mesma, nada mostra quanto à existência ou não de tais propriedades, e que é falso que aceitar a sua existência seja o mesmo que aceitar o possibilismo: de acordo com Plantinga, todas as propriedades existem necessariamente, e portanto estas propriedades primitivas existem actualmente. Assim, não há nenhuma destas propriedades que exista embora não seja o caso que exista actualmente. Logo, a aceitação da existência destas entidades por parte de Plantinga não o compromete com a tese possibilista. Finalmente, parece-me que não existe tal coisa como uma intuição robusta quanto à existência necessária ou contingente de asseidades. A conclusão é que a questão se toda a propriedade e proposição existe necessariamente permanece por responder.

### 5.2 *A interpretação realista de Stalnaker da semântica de Kripke*

Recorde-se a observação de Stalnaker acerca do que faz com que a sua versão da semântica de Kripke seja realista: “cada ponto numa classe de equivalência tem exactamente o mesmo significado representativo (no mundo actual) que qualquer outro ponto na sua classe de equivalência” (Stalnaker 2012: 32). Usualmente, relações de equivalência servem para diferenciar entre o que é representacionalmente significativo e o que não é representacionalmente significativo na medida em que se toma como representacionalmente significativo aquilo que é invariante entre os diferentes elementos em cada uma das classes de equivalência geradas pela relação de equivalência. Contudo, acredito que esta é uma história incompleta, pelo menos no que concerne à distinção entre os aspectos de um modelo de Kripke que são representacionalmente significativos e os aspectos que não o são.

Suponha-se que há uma classe de equivalência gerada pela relação de equivalência anexada a  $w_M$  tal que todo o ponto na classe é um conjunto. É este facto representacionalmente significativo? Deveria, por exemplo, o mundo possível representado por tal classe de equivalência ser tomado como sendo um conjunto? Argumentavelmente, não. Para um outro caso talvez mais preocupante, suponha-se que é possível não só que haja algum ser humano  $x$  que resulta da união do óvulo  $y$  e do espermatozóide  $z$  que actualmente não se uniram, mas também que necessariamente,  $x$  resulta da união do óvulo  $y$  e esper-

matozóide  $z$ . Em tal caso, o subconjunto  $S$  de elementos de  $W_M$  que representam um mundo possível que implica a proposição que há um ser humano que resulta da união de  $y$  e  $z$  será tal que há um elemento  $x \in \bigcup_{w \in W_M} D_M(w)$  tal que  $x \notin D_M(w_M)$  e  $x \in \bigcap_{w \in S} D_M(w)$ . A presença deste elemento  $x$  será assim invariante ao longo dos domínios de todos os mundos em  $S$ . Assim, será que  $S$  representa uma proposição que implica que este  $x$  em particular existe? Argumentavelmente, não. Mas, assim sendo, a explicação oferecida por Stalnaker daquilo que é representacionalmente significativo num modelo de Kripke precisa ser complementada. Relações de equivalência não são suficientes.

Uma estratégia plausível seria assumir que factos acerca de proposições, propriedades, relações, relações entre estes, etc. são representados não por um modelo, mas sim por um conjunto de modelos (chame-se a este conjunto o *conjunto pretendido*). Uma vez mais, aquilo que seria representacionalmente significativo seria aquilo que seria invariante ao longo do conjunto pretendido. Isto daria conta, argumentavelmente, dos casos previamente discutivos. Somente alguns modelos  $M$  no conjunto pretendido teriam uma classe de equivalência gerada pela relação de equivalência anexada a  $w_M$  tal que todo o elemento nessa classe seria um conjunto. E os modelos  $M$  no conjunto pretendido difeririam também com respeito a que elemento representaria o meramente possível  $x$  que resultaria da união do óvulo  $y$  e espermatozóide  $z$ . Mas talvez esta estratégia não seja ainda assim suficiente. Por exemplo, é plausível assumir que todo o modelo  $M$  do conjunto pretendido possui algum  $w \in W_M$  tal que  $D_M(w_M) \subset D_M(w)$ . Os elementos em  $D_M(w) - D_M(w_M)$  ainda existiriam actualmente de acordo com o realista moderado, uma vez que o realista moderado defende que tudo existe actualmente. Logo, um aspecto invariante ao longo dos modelos do conjunto pretendido seria que algumas coisas actuais não estão em  $D_M(w_M)$ , o domínio do mundo actual. Mas isto não pode ser tomado como representando que se possivelmente existe um objecto  $x$ , então  $x$  existe actualmente. Logo, não deve ser assumido que relações de equivalência são suficientes para realizar o trabalho de distinguir os aspectos de um modelo que são representacionalmente significativos daqueles que não são representacionalmente significativos. Aquilo que é representacionalmente significativo num modelo não pode ser somente aquilo que é invariante ao

longo dos diferentes elementos de uma classe de equivalência, pelo menos das classes de equivalência até agora sugeridas.

Embora relações de equivalência possam não ser suficientes para distinguir aquilo que é representacionalmente significativo num modelo de Kripke, acredito que o ponto principal de Stalnaker, nomeadamente, que uma interpretação realista da semântica de Kripke compatível com o seu Realismo Moderado pode ser oferecida, mantém a sua plausibilidade. O aspecto principal do apelo de Stalnaker a relações de equivalência é que, para que um modelo de Kripke tenha uma interpretação realista, i.e., para que seja um modelo de fenômenos de natureza modal, não é necessário que todos os aspectos do modelo sejam representacionalmente significativos, que o modelo represente todos os aspectos da realidade modal, ou mesmo que o modelo represente, por exemplo, que algo é de determinada maneira tendo algo no modelo que é dessa maneira. Além disso, parece que modelos de Kripke de facto fornecem os meios para representar proposições, propriedades, relações, relações entre estes, etc. Contudo, permanece o desafio de distinguir todos os aspectos dos modelos de Kripke que são representacionalmente significativos daqueles que não são representacionalmente significativos. O meu palpite é que este é um problema não só para realistas moderados Stalnakerianos que utilizem modelos de Kripke, mas também para a maioria dos teóricos que apelam a técnicas de modelagem nas suas investigações. Argumentavelmente, a existência deste problema não deve impedir a utilização de técnicas de modelagem nas investigações destes teóricos, o mesmo se aplicando aos realistas moderados Stalnakerianos.

## 6 Conclusão

O discurso acerca de mundos possíveis é hoje em dia comum em filosofia, assim como em diversas outras áreas de investigação. Neste ensaio propus-me apresentar duas das mais influentes posições acerca da natureza de mundos possíveis, tal como os principais argumentos a favor e contra estas posições.

Em primeiro lugar, foi dada uma explicação da utilidade teórica de discurso acerca de mundos possíveis. Salientou-se que, por um lado, tal discurso ilumina a lógica da modalidade e, por outro lado, fornece uma maneira de testar a plausibilidade de afirmações acer-

ca do que é possível. Em seguida, foi apresentada a extremamente influente posição de Lewis acerca da natureza de mundos possíveis, assim como os principais argumentos a favor e contra esta posição. Fez-se o mesmo para o Realismo Moderado, tendo sido distinguidas duas vertentes da posição, nomeadamente, o Realismo Moderado de Plantinga e o Realismo Moderado de Stalnaker. Como foi explicado, uma das principais diferenças entre estas duas teorias concerne as diferentes teorias de proposições e outras entidades de ordem superior em que as teorias se apoiam. Enquanto Plantinga defende que necessariamente toda a entidade de ordem superior necessariamente existe, e em particular que necessariamente toda a asseidade necessariamente existe, Stalnaker rejeita ambas as teses.

Subsequentemente, foram apresentadas avaliações críticas do Realismo Extremo e do Realismo Moderado. Relativamente ao Realismo Extremo, mostrou-se que há razões para cepticismo no que concerne a promessa do realista extremo de redução de discurso modal e discuso acerca de propriedades, e argumentou-se que há um sentido em que a hipótese de uma multiplicidade de universos concretos é auto-refutante. Quanto ao Realismo Moderado, argumentou-se que a objecção das modalidades iteradas de McMichael não é bem sucedida nem contra o Realismo Moderado de Plantinga, nem contra o Realismo Moderado de Stalnaker. Contudo, a objecção parece mostrar que há ainda muito trabalho a realizar por parte dos realistas moderados. Por um lado, faltam bons argumentos em defesa da hipótese que necessariamente toda a entidade de ordem superior existe necessariamente, e em particular em defesa da hipótese que toda a asseidade existe necessariamente (assim como faltam bons argumentos em defesa da negação destas hipóteses). Por outro lado, Stalnaker ofereceu somente um esboço daquela que poderá ser a solução ao problema de oferecer uma interpretação realista da semântica de Kripke compatível com o seu Realismo Moderado.

Bruno Jacinto

Arché Research Centre, University of St Andrews  
LanCog, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa

## Referências

- Armstrong, David. 1986. The nature of possibility. *The Canadian Journal of Philosophy* 16(4):575-594.
- Armstrong, David. 1989. *A Combinatorial Theory of Possibility*. New York: Cambridge University Press.
- Efird, David and Stoneham, Tom. 2008. What is the principle of recombination. *Dialectica* 62(4):483-494.
- Jager, Thomas. 1982. An actualistic semantics for quantified modal logic. *Notre Dame Journal of Formal Logic* 23(3):335-349.
- Kripke, Saul. 1959. A completeness theorem in modal logic. *Journal of Symbolic Logic* 24(1):1-14.
- Kripke, Saul. 1963. Semantical Considerations on Modal Logic. *Acta philosophica fennica* 16:83-94.
- Kripke, Saul. 1979. A puzzle about belief. In *Meaning and Use*, ed. by Avishai Margalit. Dordrecht: Reidel.
- Kripke, Saul. 1980. *Naming and Necessity*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.
- Lewis, David. 1968. Counterpart theory and quantified modal logic. *The Journal of Philosophy* 65(5):113-126.
- Lewis, David. 1979. Anselm and actuality. *Noûs* 4:175-188.
- Lewis, David. 1973. *Counterfactuals*. Oxford: Blackwell Publishers.
- Lewis, David. 1983. Postscripts to "counterpart theory and quantified modal logic". In *Philosophical Papers. Volume I*. Oxford: Oxford University Press.
- Lewis, David. 1986. *On the Plurality of Worlds*. Oxford: Blackwell Publishers.
- Linsky, Bernard and Zalta, Edward N. 1996. In defense of the contingently nonconcrete. *Philosophical Studies* 84:283-294.
- McMichael, Alan. 1983. A problem for actualism about possible worlds. *The Philosophical Review* 92:49-66.
- Menzel, Christopher. 2013. Possible worlds. In *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, ed. by Edward N. Zalta, Winter edition. URL <http://plato.stanford.edu/entries/possible-worlds/>.
- Nolan, Daniel. 1996. Recombination unbound. *Philosophical Studies* 84(2-3):239-262.
- Plantinga, Alvin. 1974. *The Nature of Necessity*. Oxford University Press.
- Plantinga, Alvin. 1976. Actualism and possible worlds. *Theoria* 42:139-160.
- Rayo, Agustín. 2013. *The Construction of Logical Space*. Oxford: Oxford University Press.
- Shalkowski, Scott. 1994. The ontological ground of the alethic modality. *The Philosophical Review* 103(4):669-688.
- Sider, Theodore. 2003. Reductive theories of modality. In *Handbook of Metaphysics*, ed. by Michael Loux and Dean Zimmerman. Oxford: Oxford University Press.
- Sider, Theodore. 2006. Beyond the humphrey objection. Ms. [http://tedsider.org/papers/counterpart\\_theory.pdf](http://tedsider.org/papers/counterpart_theory.pdf), accessed on November 2013.
- Stalnaker, Robert. 1976. Possible worlds. *Noûs* 10:65-75.
- Stalnaker, Robert. 2011. Possible worlds semantics: Philosophical foundations. In *Saul Kripke*, ed. by Alan Berger. New York: Cambridge University Press.
- Stalnaker, Robert. 2012. *Mere Possibilities: Metaphysical Foundations of Modal Semantics*. Princeton: Princeton University Press.
- van Inwagen, Peter. 1986. Two concepts of possible worlds. *Midwest Studies in Philosophy* 11:185-213.
- Williamson, Timothy. 2013. *Modal Logic as Metaphysics*. Oxford: Oxford University Press.